



PRECISAMOS DE DARCY

Para existir e cumprir efetivamente sua função social, uma universidade deve se apoiar em três pilares: ensino, pesquisa e extensão. É fácil para a sociedade perceber a realização do primeiro e do último. Temos o ingresso de novos estudantes, as aulas, as formaturas, as atividades de apoio à comunidade externa. Quando o assunto é pesquisa, contudo, torna-se mais difícil visualizar ações e resultados, ainda que tenhamos números sobre projetos ou sobre a inserção de pesquisadores em periódicos científicos.

A pesquisa marca o aprofundamento do conhecimento já existente, é a busca pelo novo, por soluções aos problemas cotidianos. Ela foge do trivial. Talvez por isso seja tão desafiador torná-la palpável, facilmente reconhecida como algo essencial para o progresso não apenas da universidade, mas de toda a sociedade. Vencer esse desafio passa, necessariamente, pela melhoria da forma como nós, do mundo acadêmico, nos comunicamos com a comunidade externa. Em outras palavras, tornar público o que fazemos na área de ciência é tão importante quanto fazer ciência.

É por isso que relançamos *Darcy*, a revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília. Gestada e nascida em 2009 e interrompida nos últimos três anos, a publicação tem a proposta de trazer – de forma amigável e didática, sem a estrutura rígida da linguagem acadêmica – os resultados das pesquisas conduzidas por docentes e pesquisadores ligados à UnB. *Darcy* ressurgiu para que o nosso trabalho chegue de modo mais efetivo aos que o sustentam e aos que dele podem se beneficiar.

E temos muito a dizer. Somente em 2015, a UnB participou de 666 projetos de pesquisa – para citar apenas os que foram levantados pela Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (Finatec), pelo Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT) e pela Diretoria de Apoio

a Projetos Acadêmicos (DPA). Também em 2015, foram defendidas 1.898 teses e dissertações e, no ano passado, esse número chegou a 2.067 – e segue sendo atualizado, uma vez que as homologações ainda estão ocorrendo. Quantas coisas novas, curiosas e surpreendentes não estão “escondidas” aí?

A nova *Darcy* ressurgiu em contexto muito distinto daquele em que nasceu, e justamente por isso torna-se mais necessária. Nos últimos anos, a UnB dobrou de tamanho. Estamos agora consolidados em quatro campi e somos também mais diversos. Temos graduados, mestres e doutores de vários pontos do Distrito Federal, do Brasil e do mundo, que trazem consigo a bagagem social e cultural de realidades que extrapolam o Plano Piloto. O conhecimento produzido por essas pessoas precisa ser disseminado. Uma universidade que permanece fechada em seus muros, ainda que com excelência acadêmica, subestima o potencial de sua missão institucional.

Também é significativo e simbólico que o renascimento da revista ocorra neste momento, quando a UnB completa 55 anos de existência. A campanha institucional deste ano, que tem como tema Ciência e Ousadia, resgata a proposta original da criação da Universidade. O relançamento da *Darcy* insere-se nesse contexto. É nosso desejo recuperar o espírito inquieto, ousado e transformador que guiou os fundadores da UnB – o antropólogo Darcy Ribeiro e o educador Anísio Teixeira.

Não à toa, este número especial coincide com o aniversário da UnB e de Brasília. Por meio de 50 personagens e cinco momentos singulares de nossa história, prestamos homenagem a todas as pessoas que dão vida à Universidade. A partir da próxima edição, que será lançada em julho, mostraremos novas e renovadas dimensões da cultura e da pesquisa universitária, com qualidade gráfica e jornalística. A missão é arrojada, e, por isso, muito bem-vinda. Vida longa à *Darcy*!


Márcia Abrahão Moura

DARCY

REVISTA DE JORNALISMO CIENTÍFICO
E CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitora

Márcia Abrahão

Vice-reitor

Enrique Huelva

Decana de Administração

Maria Lucília dos Santos

Decano de Assuntos Comunitários

André Reis

Decana de Ensino de Graduação

Cláudia Garcia

Decana de Extensão

Olgamir Amancia

Decana de Pós-Graduação

Helena Shimizu

Decana de Pesquisa e Inovação

Maria Emília Walter

Decana de Gestão de Pessoas

Cláudia Rosana Araújo

Decana de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional

Denise Imbroisi

Secretário de Comunicação

Sérgio de Sá

Editores

Carol Vicentin e Sérgio de Sá

Editor de arte

Marcelo Jatobá

Editor de fotografia

Beto Monteiro

Projeto editorial

Gisele Pimenta, Serena Veloso e Sérgio de Sá

Reportagem

Gisele Pimenta, Helen Lopes, Jorge Gil,

Marcela D'Alessandro, Nair Rabelo, Renan Apuk,

Serena Veloso, Thaíse Torres e Vanessa Vieira

Diagramação e ilustração

Ana Rita Grilo, Igor Outeiral e Marcelo Jatobá

Capa

Marcelo Jatobá

Fotografia

Beto Monteiro, Júlio Minasi e Luis Gustavo Prado

Revisão

Kárin Ventura e Vanessa Tavares

Assessoria de Imprensa

Jéssica Louza, Paulo Schnor e Shirley Gonçalves

Relações Institucionais

Angélica Peixoto, Cleide Vilela, Hellen Camara, Júlia

Consentino e Karoline Marques

Administrativo

Amilton Augusto e Salvador Menezes

Secretária

Doraci Rosa

Motorista

Reginaldo José Silva

Estagiárias

Beatriz Ferraz e Joana Prates

Agradecimentos

Arquivo Público do Distrito Federal, Luciano Mendes,

Marcelo Feijó e Paulo Paniago

Revista DARCY

Campus Universitário Darcy Ribeiro

Secretaria de Comunicação

Prédio da Reitoria, 2º andar, sala B2-17/4

70910-900 – Brasília, DF – Brasil

revistadarcy@unb.br

(61) 3107-0214

Impressão: Gráfica Coronário

Tiragem: 7.500 exemplares

3 **PALAVRA DA REITORA**
Revista espelha respeito da UnB
pela sociedade brasileira

6 **RELATOS E RETRATOS DA UNIVERSIDADE**
Todos por um, um por todos: breves narrativas jornalísticas mostram
a presença marcante da UnB na vida de Brasília, do país e do mundo

8 Gabriel Graça

11 Agnelo Dias

12 Carlos Ferreira da Silva

13 Victor Hugo Souza

14 José Leonardo Ferreira

16 Wiliam Biserra

Luis Gustavo Prado/Secom UnB



17 Ricardo Fragelli

18 Ian Brasil e
Laís Monteiro

20 Rafael Villas Bôas

22 Shirley Gonçalves

23 Jacques de Novion

24 Lilah Fialho e Adriana Ibaldo

27 Francisco Beserra

28 Suzana Mueller

29 Jéssica de Sousa

30 Thalita Sampaio, Camila Varela
e Cristina Dunaeva

32 Saulo Machado

5 **CARTA DOS EDITORES**
Produzida pela Secom, publicação
trimestral encara novos desafios

34 Jhonatan Bezerra e Lúcia Kobayashi

36 Rawlings Onserio

37 Marcos Valério Gonçalves

38 Bruna Lisboa

40 Rayanne França

42 Lara Campos Borges, Mariana
Pirineus e Amanda Bezerra

46 Marina Rossi

47 Naamã Elias Augusto Alves

48 José Maciel

50 Tatiane Cordeiro

51 José Roberto Fonseca

52 Francisco Bertoldo de Amorim

54 Maria Lúcia Pinto Leal

56 Ellen F. Woortmann e
Klaas Woortmann

58 Ana Paula Soares e Thayane Lima

59 Eudes Izaias da Silva

60 Ariana Gonçalves, Fausto Cândido
Júnior e Érica Oliveira

Beto Monteiro/Secom UnB



63 Maria Madalena Tôrres

64 Família Novaes Ramos



55

PIONEIRISMO

O Programa de Avaliação Seriada e a inclusão de negros e indígenas no ensino superior público

21 **Inauguração**
Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e renomados arquitetos, como Niemeyer, tiram a UnB do papel

33 **Ditadura**
Passeatas, violência, morte e desaparecimentos fazem parte da história

44 **Retomada democrática**
A comunidade acadêmica pressiona para que assuma o primeiro reitor eleito

66 **A UnB como ela é**
Números que mostram o tamanho da Universidade

OS BASTIDORES E OS DESAFIOS DE UMA REVISTA INSPIRADORA

Carol Vicentin e Sérgio de Sá

A revista *Darcy* está de volta. Com ela, a vontade de fazer jornalismo cultural e científico de alta qualidade. Para marcar esta nova fase, decidimos olhar inicialmente para as pessoas que vivem e dão vida à Universidade de Brasília hoje.

As repórteres Gisele Pimenta e Serena Veloso, da Secretaria de Comunicação da UnB (Secom), entregaram-se de corpo e alma ao desafio de encontrar 50 personagens que fizessem jus à diversidade e à pluralidade da UnB. Durante dois meses, foram a campo. Marcaram entrevistas, conversaram, anotaram, escreveram, vibraram.

Não estiveram sozinhas na execução da tarefa. Na redação da Secom, Marcela D'Alessandro pesquisou e resumiu a história da UnB em cinco pontos de inegável relevância. E ficou responsável por entrevistar e transformar quatro personagens em texto. Thaise Torres apurou, em tom emocionado, a história da amiga de Louise Ribeiro, a jovem vítima de feminicídio na UnB há pouco mais de um ano.

A jornalista Helen Lopes ficou com a difícil tarefa de resumir a trajetória de Shirley Gonçalves, assessora de imprensa da UnB que em breve se despede de nós para uma merecida aposentadoria, após mais de 36 anos de trabalho. A jovem estagiária Joana Prates colaborou na produção das reportagens, sempre com um sorriso no rosto.

Na cozinha, como diz o jargão jornalístico, a turma da diagramação formatou as páginas. Sob o comando plácido de Marcelo Jatobá – responsável por esse sensacional *Darcyzinho* que ilustra nossa capa e está aqui abaixo –, Ana Rita Grilo e Igor Outeiral tocaram o projeto, mas não se apegaram demasiadamente aos traços da velha e boa *Darcy* que criou fama em seus primeiros 15 números. Os fotógrafos da Secom procuraram sempre o melhor ângulo para registrar nossas personagens.

Esta edição é especial porque marca os 55 anos da Universidade que se pauta por ciência e ousadia, o lema das comemorações acadêmicas deste 2017. A partir de julho, a *Darcy* reaparecerá a cada três meses com a função de levar ao leitor o que de melhor a pesquisa universitária tem a oferecer.

Por meio das personagens da revista que você tem em mãos, entramos em laboratórios, salas, quadras, campi, casas, campos, escritórios, bibliotecas, bares, guaritas. Na companhia de Darcy Ribeiro, encontramos muita gente entusiasmada com a UnB. Estudantes, professores, técnicos, intercambistas, mães, aposentados, dançarinos, terceirizados, concourseiros. O trabalho, o estudo, a comunidade, a vida. Do título ao nome, em direção ao breve perfil de cada um.

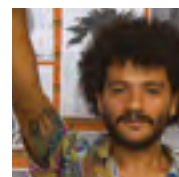
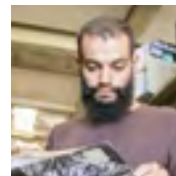
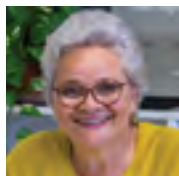
Com um novo Conselho Editorial, a ser constituído em breve, a revista renasce dentro de contexto desafiador. Como dar conta da informação correta e justa? Como despertar o interesse de uma geração superconectada, digital, em rede? Como fazer atraente a leitura da pesquisa acadêmica quando tudo parece e aparece disponível a um clique?

Darcy estará na internet (www.unb.br/revistadarcy) para responder a essa demanda. Também no papel precisará ser “responsiva”, para usar termo de adaptação aos tempos atuais. O enorme desafio da publicação é sair da Universidade para encontrar a sociedade que deposita sua confiança em nós.

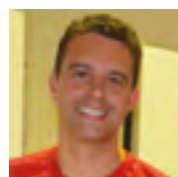
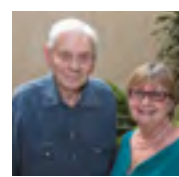
Com personagens pulsantes e momentos históricos memoráveis, damos os primeiros passos rumo ao futuro.

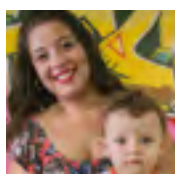
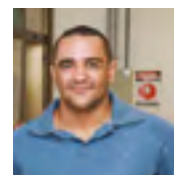
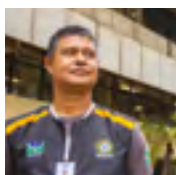
Boa leitura.





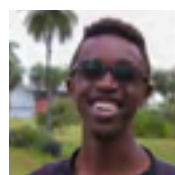
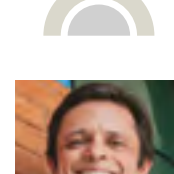
RELATOS E RETRATOS DA UNIVERSIDADE





Personagens inspiradoras, trajetórias emocionantes, momentos incontornáveis. Nas próximas páginas, uma seleção de histórias para homenagear todos que fazem – e fizeram – a UnB pulsar nesses 55 anos. Das especificidades que diferenciam às generalidades que aproximam, o desafio de representar um universo de pluralidade, paixão e excelência acadêmica.

Gisele Pimenta e Serena Veloso





GABRIEL GRAÇA

IDENTIDADE trans

“ERA UM SONHO
TER UM CORPO
CONSONANTE E
HARMÔNICO COM
A FORMA COMO
EU ME SENTIA”

As primeiras recordações que Gabriel Graça tem da infância é de sentir-se um menino. Gostava de roupas típicas de meninos, de brincadeiras – social e culturalmente – relacionadas aos meninos. Lembra-se da primeira vez em que se apaixonou. Foi com sete, oito anos, e por uma colega. “Deduzi que era o sentimento que os homens sentem pelas mulheres. Me dei conta do quanto a minha vida seria difícil.”

O garoto foi crescendo e percebendo que homens e mulheres têm espaços diferentes na sociedade. Que as pessoas geram expectativas e determinam comportamentos distintos para meninos e para meninas. “Esperavam que eu ocupasse um lugar no mundo. Um lugar de menina e não de menino.”

Até os 11 anos, Gabriel foi convivendo com essas realidades e suas consequências. Apesar de momentos complicados, conseguia seguir a vida. Afinal, era uma criança e não percebia a dimensão do contexto pelo qual passava. “Tinha a consciência de que me sentia, gostava e queria viver a vida de menino. E era isso.”

As coisas pioraram com a puberdade. Com a menstruação e as mudanças hormonais, o desconforto e o não reconhecimento de identidade com o corpo feminino a floraram. “Quando minhas mamas cresceram, foi uma perda enorme. Eu não podia, por exemplo, tomar banho de piscina só com a parte de baixo do biquíni. A partir daí, não houve um dia em que eu tirasse a minha roupa e não sofresse com o fato de ter peitos.”

Para escapar dos questionamentos e provocações, o adolescente optou por tentar desenvolver um “jeito mais feminino”. Começou a observar a mãe, as tias, as amigas e a imitar atitudes corriqueiras, como a maneira de sentar e de falar. “Funcionou bem e até que consegui escapar do *bullying*.”

Mesmo com a adaptação forçada, a vida continuava difícil. Seus amigos iam às festas para paquerar, enquanto ele não se sentia à vontade para exercitar sua sexualidade. “Não me reconhecia como menina homossexual, mas também não era menino porque meu corpo era de mulher. Resultado: me dediquei aos estudos.”

Decidiu ser médico. Entrou para a Faculdade de Medicina da UnB em 1985. Quase no final do curso, pediu transferência para a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde se formou. Fez mestrado em Psiquiatria e Psicologia Médica (Unifesp) e doutorado em Medicina Preventiva (USP).

No campo afetivo, Gabriel tentou se relacionar com rapazes. “Não tinha a menor condição, era um esforço inútil”, revela. Sem um corpo masculino, não abordava as meninas. Mas, por iniciativa delas, namorou algumas. Foi casado com uma mulher por 12 anos, embora ressalte dificuldades na esfera da sexualidade por não se sentir confortável com o próprio corpo.

Procurou, então, o psiquiatra Sérgio Almeida, que foi franco. “Você é transgênero. Não dá para mudar sua cabeça. Você precisa

mudar seu corpo.” Pela primeira vez, Gabriel Graça considerou fazer o tratamento e a cirurgia para redesignação sexual. Tal decisão veio em 2013, quando era professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília. O docente iniciou a reposição hormonal em 2014 e, até o momento, realizou duas das quatro etapas do procedimento de transgenitalização.

“Era um sonho ter um corpo consonante e harmônico com a forma como eu me sentia e com a minha identidade de gênero. Mas parecia tão difícil. A professora Graça deixaria de existir para aparecer outro docente que, naquela época, não sabia exatamente quem seria”, desabafa.

Gabriel chegou à conclusão de que não poderia ficar refém do medo. “Sou psiquiatra. Falo para meus alunos sobre a importância de serem felizes. Chegou a hora de tomar uma decisão que, de fato, era de suma importância para minha saúde mental.”

Então, conversou com sua companheira. Ela compreendeu plenamente a situação, mas ponderou que havia se casado com a Graça. Por isso, a união acabaria. Separaram-se em agosto de 2014. Também falou com sua família. “Eles foram muito acolhedores.”

Começou o tratamento quando era coordenador da graduação em Medicina na UnB. No mesmo ano, o professor Paulo César, à época diretor da Faculdade de Medicina, perguntou a Gabriel se não era a hora de ele, de fato, assumir sua identidade. “Fomos para a cerimônia de acolhimento dos calouros. Era início de semestre. Ele me apresentou como Gabriel, professor e coordenador da graduação. Fiquei muito emocionado.”

A partir daí, o professor sentiu o Gabriel com toda sua naturalidade e tranquilidade. “Chamei os funcionários, os técnicos, contei minha história e falei que estava assumindo meu nome social e minha condição. Agradei a sorte de estar num ambiente de respeito e acolhimento.”

Beto Monteiro/Secom UnB





“Quis ser eu mesmo, simples do jeito que sou, e as pessoas acabaram gostando”

AGNELO DIAS

A QUEDA DO MURO

Nos banquinhos do Instituto de Ciências Biológicas, Agnelo Dias de Souza Neto aguarda ansioso pela entrevista. Vocabulário simples, sorrisos contraídos e mãos inquietas. A timidez esconde uma história de superação. De origem pobre, o mineiro, nascido em São Francisco, decidiu sair da roça, onde morava com os pais e oito irmãos, e vir para Brasília ainda adolescente. Queria avançar nos estudos e trabalhar.

Na capital federal, o ritmo convulso sobrepôs-se ao bucolismo. Aos 22 anos, Agnelo foi trabalhar como auxiliar de pedreiro, enquanto concluía o ensino médio. Ali, decidiu planejar o destino. Queria ingressar em uma universidade pública. “Os caras da obra falavam que eu tinha futuro, porque durante os intervalos do almoço, enquanto todo mundo dormia, eu ficava estudando”, lembra.

Nada garantia que o percurso seria fácil. Entre o desejo de se graduar na UnB em Biologia e o vestibular, um grande obstáculo: a falta de recursos financeiros e de base educacional adequada para concorrer a uma vaga com outros milhares de alunos.

Nem por isso Agnelo desistiu. Passou quatro anos em um cursinho, amparado por bolsa de estudos, e se submeteu diversas vezes aos processos seletivos da UnB. “Quando não passava, aí que criava mais forças para estudar e tentar entrar de qualquer jeito na Universidade.” Revezava o novo ofício de frentista, das 5h às 12h, com estudos no restante do dia. Com a perseverança, veio a aprovação em 2010, e o início de novo capítulo na vida.


Para dar conta da rotina acadêmica cheia de leituras, trabalhos e provas, abriu mão do emprego. Sobreviver sempre foi uma adaptação para o futuro doutor. Sem renda suficiente, passou a contar com apenas R\$ 400 de uma bolsa de Iniciação Científica, além dos trocados de bicos noturnos como motoboy – o que pouco durou.

As dificuldades nunca o desestimularam, mesmo em um ambiente com realidades sociais totalmente distintas. “A maioria do pessoal da UnB é de classe média e alta. Eu era da pobreza. A adaptação é diferente, porque tudo que eles faziam eu nunca fiz, tipo viagem, essas coisas. Quis ser eu mesmo, simples do jeito que sou, e as pessoas acabaram gostando.”

Ainda na academia, um choque: o pai teve um AVC. Tinha prova na mesma semana. Foi acompanhá-lo no hospital com os livros nas mãos. “Eu chorava e ao mesmo tempo estudava.” Deprimido e sem confiança, não esperava alcançar a melhor nota da turma. Foi assim a descoberta da habilidade com a bioquímica.

Do envolvimento com projetos de pesquisa, encontrou a verdadeira vocação. “Entre aqui querendo ser policial civil. No meio da graduação, estava nos laboratórios da vida e acabei tirando a ideia da cabeça. Falei: quero ser professor da UnB.”

A dedicação e a sede por conhecimento levaram o estudante a ingressar no mestrado e, em seguida, no doutorado. Hoje, aos 34 anos, Agnelo trabalha com “bichinhos” microscópicos no Programa de Pós-Graduação em Patologia Molecular da UnB. Investiga proteínas ainda não identificadas no *Trypanosoma cruzi*, vetor da Doença de Chagas. Sabe explicar de cabo a rabo a complexidade do estudo.

Diante de tantas conquistas em meio a uma trajetória tortuosa, deseja que outras pessoas com dificuldades similares tenham a mesma oportunidade de “vencer na vida”. 

“MESMO OS QUE
NÃO FREQUENTAM
O BAR PASSAM NA
PORTA E DÃO UM ALÔ”

CARLOS FERREIRA DA SILVA

FACULDADE NO BOTEQUIM

Apoucos metros da Faculdade de Planaltina (FUP), estudantes, técnicos administrativos e professores fazem de um boteco ponto de encontro nas horas vagas. Às 9h, o Bar do Carlinhos já está de portas abertas para receber a comunidade para acaloradas conversas teóricas e momentos de descontração.

Enquanto isso, o dono do estabelecimento, Carlos Ferreira da Silva, conhecido pelo diminutivo, cuida de assuntos importantes, sentado em uma das salas de aula da FUP. Entre eles, projetos para auxiliar e fortalecer pequenos produtores rurais da região na ampliação do acesso e da participação em políticas públicas e na organização dos meios produtivos, com base na sustentabilidade. “Temos construído esse link para conscientizá-los de que existe um processo de produção que pode ser menos dependente dos pacotes tecnológicos, que oneram o custo dos produtos e diminuem o lucro das famílias”, argumenta Carlinhos.


Desde 2014, em suas manhãs e tardes, ele troca o balcão do bar por uma cadeira no curso de Gestão do Agronegócio. Trabalhar e morar próximo ao campus da UnB foram o estímulo que faltava para decidir ingressar no ensino superior, sonho alimentado desde a adolescência, mas só concretizado após os 40 anos. “Na época, não sei se por questões políticas ou por falta de inclusão social, as pessoas que moravam na periferia dificilmente conseguiam entrar em uma universidade pública de qualidade.”

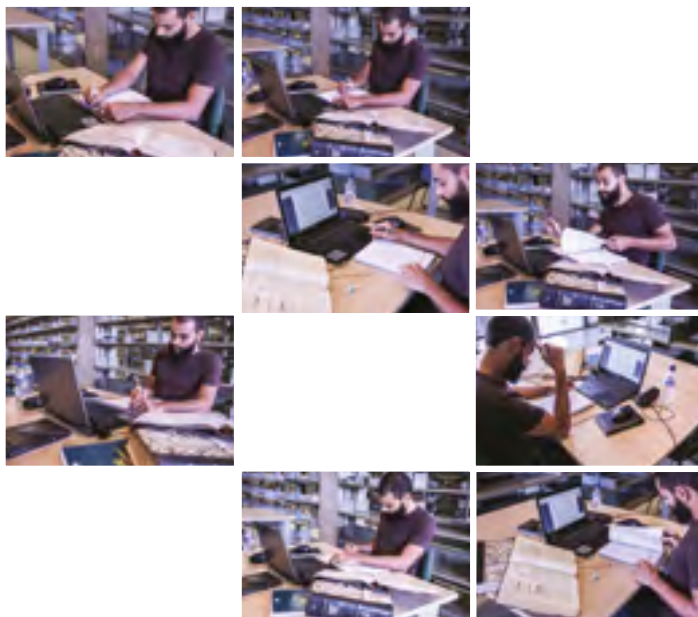


Beto Monteiro/Secom UnB

Carlinhos foi um dos moradores a participar ativamente das discussões sobre a instalação da UnB na região, em 2006. “Vimos acontecer um sonho do Darcy: ver a Universidade se expandir pelas periferias do Distrito Federal.” Da porta de sua residência, viu o campus nascer e crescer. Aproveitou para lucrar com o próprio negócio. Iniciadas as atividades da instituição, teve a ideia de transformar a garagem de casa em um bar para movimentar o pacato comércio local.

O espaço, também uma loja de conveniência, atraiu a atenção da comunidade acadêmica, que aparece ali para almoçar um bem servido prato feito e beber uma cerveja gelada. “Passamos a ter um convívio muito bacana. Mesmo os que não frequentam o bar passam na porta e dão um alô.” Com parte da fiel clientela, Carlinhos também divide o tempo, seja na mesa do bar, na sala de aula ou nos conselhos universitários, discutindo trabalhos de disciplinas, iniciativas do centro acadêmico de seu curso, do qual deixou a presidência em 2016, além de melhorias para o campus.

Ele admite não ter sido fácil iniciar a trajetória como estudante a essa altura da vida. Hoje, se vê tão envolvido nesse universo que conciliar a rotina familiar e os negócios tornou-se o maior desafio. Depois de um dia de estudos, cuida do bar até as 23h e continua a jornada com um serão extra para cumprir as atividades de classe, sacrifício bastante recompensador. Os projetos incluem um sonho: “Um dia quero adentrar essas portas como docente”. 



Fotos: Júlio Minasi/Secom UnB



 VICTOR HUGO SOUZA

O CONCURSO DA ROTINA

Quarenta e três mil e duzentos segundos. Setecentos e vinte minutos. Ou 12 horas. Esse é o tempo estimado que o engenheiro civil Victor Hugo Souza Oliveira dedica diariamente aos estudos, na Biblioteca Central (BCE), em busca da aprovação em concurso público. Atravessar as horas ali, diante de uma pilha de livros, é hábito vindo da graduação, concluída em 2016 na UnB.


O concursário de 24 anos se desloca de casa, em Vicente Pires, a cerca de 20 quilômetros da Universidade, para encontrar na BCE um espaço tranquilo onde possa enveredar pelo conhecimento. “Independente de como você está se sentindo, de qual é a sua pegada de estudo, vai ter um lugar para você ali”, avalia sobre as oportunidades trazidas pelo local.

Oito da manhã. Victor chega às portas de seu quartel general de estudos. Adentra a área da “discoteca” – apelido dado pelos estudantes à entrada do espaço devido à movimentação – e procura um canto para sentar. A escolha depende das intenções do aspirante a servidor público. No início do semestre, para não ser muito incomodado, a ala de estudos à esquerda do subsolo é a ideal.

Com o andar dos meses, os estudantes começam a movimentar a seção. A calmaria se esvai e ele tem de migrar – dessa vez para o setor de Referência, onde o silêncio predomina. “Quando o semestre começa a ‘pegar’ vai todo mundo sentar no subsolo e vira um conversário danado.”

Conteúdos da engenharia civil e do direito administrativo, resumos, questões de concursos para resolver. Assim começa a jornada. Apostilas, livros, computador, jornal, uma garrafa d’água, outra de café. Na mesa, caos total. Mas a cabeça continua centrada. Dez horas. Pausa para um copo de cafeína e tragos de cigarro para melhor reverberar as ideias. No retorno, resumos, questões, resumos, questões. Já são 11h30. A manhã se vai e com ela o estômago reclama um afago. Victor procura a melhor sombra para se acomodar no exterior do prédio e saca da mochila a marmitta para um breve almoço.

Meio-dia. O engenheiro conclama um descanso para a mente, em um revezamento entre notícias, romances e cochilos, quando o cansaço o abate. O tempo voa: são 13h. Precisa voltar à sabatina. Mergulhos em apostilas e livros sobre conteúdos básicos. Língua portuguesa, goles d’água, raciocínio lógico, sorvos de café, legislação e... PAUSA. Quatro da tarde. A saída ligeira para mais alguns pitos abre caminho para novas amizades. “É muita gente que acabo conhecendo. Aqui é o lugar onde pessoas de todos os cursos se encontram.”

Continua com as revisões até 20h, entremeadas por um descanso às 18h. É chegada a hora de partir e se renovar para o próximo dia. “Achei que ia ser um saco estudar, mas é o que eu quero. Vou poder trabalhar certinho, ter a minha rotina.” O futuro na carreira pública está traçado em dias, horas, minutos, segundos. 

JOSÉ LEONARDO FERREIRA

UMA ODISSEIA ASTRONÔMICA

Estantes repletas de livros sobre astrofísica, fotos de viagens a projetos espaciais internacionais e uma porção de equipamentos utilizados em pesquisas astronômicas. A paixão do professor José Leonardo Ferreira pelo que está além da Terra é observada em cada detalhe do Laboratório de Física de Plasmas da UnB.

Gosto particular que carrega desde a adolescência, quando lia, entusiasmado, os livros de ficção científica de Arthur C. Clarke. “Gostava muito dessa coisa de espaço. Tinha um tio que me incentivava muito na leitura”, relata o mineiro, natural de Uberaba, aniversariante na mesma data da inauguração da UnB – 21 de abril.

A chegada do homem à Lua, em 1969, foi o marco histórico e o pontapé na decisão de trilhar caminhos na física, focado nas questões espaciais. O interesse era tanto que, antes mesmo de entrar para a UnB, ainda aluno do ensino médio, circulava pelo campus Darcy Ribeiro empenhado na montagem de um antigo telescópio do Instituto de Física, às traças pelo desuso. Bastou a vontade de entusiastas como ele para a retomada do antigo Observatório Astronômico, projeto idealizado na década de 1960, mas à época desativado.

Doado pelo governo norte-americano, o telescópio ganhou uma rústica construção de madeira para que pudessem ser deslocado sobre trilhos. E lá ia o equipamento nas observações mato adentro. Nas precárias instalações do Observatório, alojado onde hoje se encontra o posto de gasolina ao lado da Maloca, José Leonardo passava longos períodos a se deliciar com estrelas e planetas.

“O equipamento estava um pouco degradado. Tivemos que fazer uma limpeza. Saiu essa reportagem na *Veja* e o Azevedo (*reitor à época*) não gostou, porque simplesmente dizia que a Universidade não estava cuidando de equipamentos tão caros.” Em tempos de ditadura, o fato levou o coordenador do projeto, professor da UnB, à demissão. “Com isso o projeto foi fechando. Não havia quem ficasse responsável.”

Em 1977, José Leonardo, já graduando na UnB, participou de greve estudantil culminante na invasão militar no campus. Viu vários colegas suspensos ou presos por lutar contra o regime. Ele, por sorte, escapou. “A polícia tinha uma lista com os nomes das pessoas dos movimen-



Beto Monteiro/Secom UnB

tos estudantis”, relata o docente, então representante dos alunos da Física. Lembra-se até de policiais infiltrados na Universidade. “Você via que os caras eram soldados. Estudantes não têm os braços fortes assim”, brinca.

Não queria ser o próximo a parar atrás das grades. Antecipou a conclusão do curso e fugiu para São Paulo para realizar o mestrado. Deixou para a irmã a missão de pegar o diploma. Quase duas décadas se passaram. Em 1994, José Leonardo retornava à UnB como professor, após adquirir vasta experiência com estudos na área de física de plasmas no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Viu um ambiente bem diferente de 1977. Havia liberdade.

Envolvido no desenvolvimento da área experimental da astrofísica, teve um *insight* para inovar o campo na UnB: por que não reviver o Observatório Astronômico? “Tinha muita gente que achava maravilhosa a ideia de retomar a astronomia na UnB.” Dessa vez, o local escolhido foi a Fazenda Água Limpa, no Núcleo Rural Vargem Bonita, onde o céu, mais límpido, favorecia a observação dos fenômenos espaciais. Foram quase 12 anos para tirar a ideia do

papel. Batizou o espaço, inaugurado em 2016 sob sua coordenação, com o nome do astrônomo, engenheiro e geólogo Luis Cruls.

O projeto é apenas uma das paixões do professor, que dedica a vida à “divulgação da astronomia” entre estudantes da UnB e de escolas públicas. No laboratório, colabora com pesquisas internacionais para o desenvolvimento de propulsores a plasma utilizados na emissão de sondas espaciais.

Mais do que um hobby, a astronomia é o que ainda prende José Leonardo à UnB. Ambiciona ver, antes da aposentadoria, a área se consolidar na Universidade. “A astronomia é uma das primeiras ciências, tão velha quanto a matemática, e envolve diversas áreas. Todas as grandes universidades do mundo têm astronomia.” Enquanto idealiza a criação de um curso em futuro próximo, continua a disseminar o fascínio interestelar entre seus aprendizes.



WILIAM BISERRA

AMOR SEM LIMITE

Do homônimo mundialmente famoso, Wiliam Biserra herdou o nome e o gosto pela literatura. Feliz coincidência ou talvez uma sina, Shakespeare também é objeto de estudo do professor do Instituto de Letras. Paixão e intensidade, características que transcendem as obras e transbordam do olhar do docente.

Wiliam nasceu no Gama, mas passou toda a infância no Ceará. Voltou para o Distrito Federal com 11 anos. Seu primeiro contato com a Universidade de Brasília foi no final da década de 1990, próximo de completar 18. Foi ao campus Darcy Ribeiro – um ambiente totalmente estranho à sua realidade social – com um amigo de Santa Maria. “Era uma coisa alienígena. Ninguém da minha família havia feito curso superior. Eu não sabia direito o que era vestibular.”

Mesmo assim, sentiu-se em casa. A identificação foi tamanha que abriu a janela do carro e gritou: “UnB, me espera.” Com vaga ideia sobre o que era a Universidade, foi atrás da sua intuição. Analisou suas aptidões, possibilidades e entrou para o curso de Letras. Passou pelo Francês,

formou-se em Português e em Inglês e continuou com o mestrado e o doutorado em Literatura. A instituição foi praticamente sua casa por uma década.

Decidiu pela docência nesse percurso, ingressando no quadro do Departamento de Teoria Literária e Literaturas em 2014. “O sentimento de gratidão que tenho por essa Universidade é absoluto. De fato, é minha *alma mater*, a mãe que me alimenta, que me nutre”, emociona-se.

A paixão pela UnB se estende à profissão. Para Wiliam, ser professor é colecionar momentos de beleza. “Ensinar é levar alguém ao seu destino. É gesto de amor e prazer. É transformar o conhecimento, o livro, a literatura. A Universidade nasceu de uma utopia, pelo esforço de pessoas sonhadoras e teimosas, espírito que mantém esse meu amor vivo”, diz.

A UnB foi signo de mudança na vida do docente. Por isso, ele faz questão de deixar um recado aos alunos. Que se abram à experiência, à alteridade, à diferença. Que habitem a Universidade e deixem-na habitá-los. Sentir é o caminho.



RICARDO FRAGELLI

EU SOU TREZENTOS

Transformar alunos em águias, para voar alto, para alcançar grandes objetivos. Ricardo Fragelli, 39 anos, acreditava ser essa sua missão como professor. Foi um poema de Victor Hugo que o fez mudar de ideia. As lições: a águia domina o espaço; o rouxinol, com seu canto, a alma. Então, por que não fazer águias que cantem, que dominem a ciência com propriedade, profundidade, arte, paixão e solidariedade?

Com esse pensamento, o professor da Faculdade do Gama encerra sua palestra em conferência dedicada a mostrar experiências que podem mudar o mundo. O vídeo na plataforma YouTube possui quase sete mil visualizações e aborda o método *Trezentos*, criado pelo pesquisador com o objetivo de promover aprendizagem ativa e colaborativa em sala de aula, melhorando os índices de aprovação.

A metodologia, premiada nacionalmente, integra uma série de inovações de Fragelli. A partir da premissa de que “uma pessoa importa”, o professor mudou o cenário tradicional de reprovações em cálculo 1 e passou a incentivar a cooperação entre os estudantes.

Dividiu a sala em grupos, mesclando alunos com alto e baixo rendimento na primeira prova. Aqueles com notas ruins podem fazer nova avaliação, desde que cumpram metas, e os demais também ganham chances para aumentar suas notas.

“A melhora dos meninos que são ajudados é em torno de 100% e o aumento

geral da turma, 40%. Mas o foco não é o desempenho. É fazer com que o estudante olhe para a pessoa do lado.”

Ricardo Fragelli é “filho da UnB”. Natural de Anápolis, em Goiás, fez Engenharia Mecânica, mestrado e doutorado na Universidade de Brasília. As ideias de métodos diferenciados de educação começaram ainda na graduação. Para não depender financeiramente dos pais, começou a dar aulas particulares logo no início do curso.

Colocar o aluno como protagonista do processo de aprendizagem e recuperar seu gosto pela ciência motivavam o jovem professor, que confessa sua estratégia da época: apresentar problemas divertidos, mais relacionados à lógica do que à matemática. Aos poucos, tirava a primeira e deixava a última.

“A maioria dos alunos tinha nota entre zero e três. Na primeira prova, depois da minha aula, ele tirava três. Na segunda, três de novo. Na terceira e quarta, dez. Depois eu era demitido porque ele não precisava de professor particular”, ri.

Fragelli coleciona 11 prêmios na área de Educação. Além do método *Trezentos*, os eventos *Rei ou Rainha da Derivada* e *Summaê* são iniciativas famosas e reconhecidas. Qualquer professor, de qualquer nível e área, pode reaplicar as metodologias, fato que já ocorre em várias instituições do país.

“Recuperar a autoestima do estudante é um alimento para alma. Sou motivado pelo pensar, e as pessoas esperam isso de quem integra a Universidade de Brasília. Sinto-me muito honrado e feliz.”

Fazer águias que dominem a ciência com profundidade, arte, paixão e solidariedade

Izabela Cristina/Divulgação



Com o tema paranormalidade, 8º Summê de Integrais na UnB recria cena do filme *O sexto sentido*: evento faz parte de iniciativas de aprendizagem ativa e colaborativa

Fotos: Júlio Minasi/Secom UnB



— IAN BRASIL E LAÍS MONTEIRO

AMIZADE COREOGRAFADA

“A dança me pegou de um jeito que realmente não consigo descrever. É como se eu sempre estivesse vendo a música como uma coisa isolada e, de repente, vi que a dança era como fazer música com o próprio corpo”, exalta Ian Brasil Reis, engenheiro mecânico formado na UnB. Dançar se tornou uma maneira de descobrir potencialidades corporais e de se envolver mais com a música. A experiência rítmica vem de uma apreciação intensa já na adolescência, em aulas de instrumentos.

No MASC Central do campus Darcy Ribeiro, em meio a mais de 30 alunos que faziam aulas de casino, uma variação cubana da salsa, Ian descobriu uma paixão efervescente. Em 2014, em seu penúltimo ano como graduando, já cansado da rotina de estudos na Faculdade de Tecnologia, recebeu o convite de um amigo para ingressar em uma das turmas do projeto de extensão *Corazón Salsero*. Não teve jei-

to: a alegria envolvente do ritmo o contagiou. “Nunca tinha me envolvido com a dança. Vim para a aula com meu amigo, dois meses depois ele largou e eu acabei continuando”, ressalta.

Os passos descoordenados, sem suíngue, aos poucos ganharam cadência, equilíbrio e “sabor”. “Não existe pessoa tão torta que não possa dançar. Se você quer, você realmente aprende.” Pés para lá, braços para cá, quadris estáveis, tronco solto. A ginga da salsa tomou conta do corpo e se estabeleceu como terapia, em um período que exigiu de Ian o isolamento social para se focar na conclusão de seu curso.

Aprender apenas a salsa já não era mais o suficiente para ele, que no semestre seguinte se viu matriculado em oito turmas de diferentes ritmos do projeto. O merengue, a bachata e o reggaeton são algumas das opções oferecidas pela iniciativa, existente na UnB desde 2005, hoje com cerca de cem alunos. “O objetivo é difundir as danças latinas no meio univer-



Os destinos de Ian Brasil e Laís Monteiro se cruzaram por meio da salsa. Hoje, os amigos ministram aulas de ritmos latinos no projeto *Corazón Salsero*

sitário. Trabalhamos a cultura latina, a língua espanhola e o aspecto da saúde que a dança proporciona”, explica o coordenador Pedro Mariano de Lima.

Com meses de prática, Ian caminhava para se tornar um exímio dançarino. Assim que graduado, a indecisão sobre seguir carreira na engenharia o fez repensar o futuro. Um resquício de desejo por uma vida mais compassada palpitava, e a dança se concretizou como opção de trabalho. Em 2015, recebeu a proposta para participar do *Corazón Salsero* no planejamento de eventos e na coordenação de pessoas.

Mas a desenvoltura com a salsa e os outros ritmos, adquirida pela dedicação com maior afinco, também abriu portas para que deixasse a condição de aluno e se tornasse professor no ano seguinte. Tomou gosto pelo ofício e fez-se amigo e parceiro, nesse e em outros projetos, de uma das professoras, a

graduanda em Educação Física Laís Cristina Silva Monteiro, de 23 anos.

Assim como Ian, o envolvimento de Laís com o *Corazón Salsero* se deu primeiramente como aluna, em 2012, ainda caloura na UnB. Chegava a fugir das aulas na graduação para ir ao encontro do som atraente que ressoava pelo campus. A sensualidade, a alegria, a movimentação corporal, a riqueza instrumental das músicas latinas eram elementos diversos que a cativavam e a estimulavam a respirar os ares da dança.

Apesar da facilidade de se expressar corporalmente, os movimentos, especialmente da salsa, eram desafiadores. “A salsa não é da nossa cultura. Tem movimento corporal próprio dos outros latinos. É muito diferente”, considerava. Ainda assim, destacava-se entre os demais colegas da turma. Sentia-se muito mais convocada pela experiência com os ritmos do que pelas tarefas da vida acadêmica.

Foi o que a motivou, em 2015, a trocar o curso de Pedagogia – primeira graduação iniciada na UnB – pelo de Educação Física. Na época, já havia se tornado professora do *Corazón*, após pouco mais de dois anos de imersão em aulas de diversos estilos, os quais passou a dominar com destreza. “Sempre gostei da educação física, mas levava como um hobby. Queria ser professora, só não sabia se era de letras, pedagogia ou o quê. Quando comecei a dar aulas de dança, pensei: a educação física tem tudo a ver”, alegre-se a estudante.

O rodópio para coreografar seu novo destino levou-a, como em uma roda de casino, a aliar a formação ao futuro profissional com a dança. Como docente, não deixou de fazer do projeto um campo de estudo e de maior interação com a comunidade acadêmica. “Quem tem mais experiência vai passando para quem tem menos. A gente sempre aprende um com o outro.”



Luís Gustavo Prado/Secom UnB

**“A melancolia
pode nos inspirar
à luta coletiva”**

— RAFAEL VILLAS BÔAS

EM BUSCA DAS ORIGENS

Melancolia. No dicionário, a definição: “estado de grande tristeza e desencanto geral”. Rafael Litvin Villas Bôas ressignifica o verbete com o olhar voltado à Universidade de Brasília. “Melancolia não é tristeza, nem nostalgia. É o sentimento de uma energia represada. A Universidade tem essa energia que pode ser paralisada por muito tempo. Mas tem também ponto de origem denso, de vanguarda.”

O professor da UnB tinha uma curiosidade desde rapaz. Vasculhava, nos tempos de estudante de Jornalismo, na década de 1990, resquícios da história da UnB que pudessem nortear a compreensão do significado dos ideais de Darcy Ribeiro naquele momento.


Os traçados arquitetônicos do Minhocão, concebidos com a intenção de articular as diversas áreas do conhecimento no mesmo espaço, o inspiravam a arriscar o palpite de que algo do projeto original de Darcy ainda resistia. Mesmo com as tentativas de desmonte pela ditadura militar. Confirmou a suspeita ao longo da graduação, ao descobrir que podia “fazer do seu curso único, por diversos percursos”.

Artes cênicas, literatura, sociologia. Rafael transitou em busca do saber como quem persegue minas de ouro. Do teatro, extraiu a ousadia para potencializar reflexões. Identificava-se com os palcos desde adolescente, quando participava de grupos teatrais. Bebeu, inclusive, da fonte do

chamado teatro do oprimido – foi aprendiz de Augusto Boal.

Hoje, replica o conhecimento como professor da licenciatura em Educação no Campo. Ensina jovens aspirantes a docentes de escolas rurais a fazer do teatro ferramenta de mudanças. “Os estudantes vão para o campo, montam grupos e apresentam peças a partir de questões de interesse das próprias comunidades.” Orgulha-se do resultado.

Imergiu na história do país pelas páginas de clássicos como *Raízes do Brasil* e *Casa Grande & Senzala*. Inspiração para, mais tarde, saltar do mestrado em Comunicação ao doutorado em Literatura. Já a sociologia aparece na vida de Rafael como parte das vivências acadêmicas e do convívio com os movimentos sociais e estudantil. Chegou a ser diretor do CA de Comunicação. Pôde experimentar, com intensidade, a emergência da greve em defesa da educação pública (1998) e o primeiro encontro nacional de educadores da reforma agrária (1997). Um dos impulsos para a criação, anos depois, dos cursos de Educação no Campo no país e para o envolvimento de Rafael com as lutas rurais.

Da articulação de saberes construídos dentro e fora das salas de aulas, surge um homem preocupado em renovar a Universidade. “Minha curiosidade vem de como sintonizar o que fazemos com o projeto da UnB, em uma relação de inspiração crítica e dialética”, pontua. Rafael enxerga prognóstico positivo: “A melancolia pode nos inspirar à luta coletiva”. 

INAUGURAÇÃO

Criada por lei em 15 de dezembro de 1961, pelo então presidente da República João Goulart, a Universidade de Brasília teve sua inauguração oficial em 21 de abril de 1962. Nessa data, saiu do papel o sonho do antropólogo Darcy Ribeiro e do educador Anísio Teixeira, que pretendiam reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país, por meio de uma instituição sem fronteiras em que as áreas do conhecimento estivessem em constante diálogo. Nas linhas dos prédios da UnB, traçadas por Oscar Niemeyer e outros grandes arquitetos, começaram os primeiros cursos experimentais em Direito, Economia, Administração e Arquitetura e Urbanismo. Cientistas, artistas e professores das mais tradicionais faculdades brasileiras foram convidados e vieram assumir o comando das salas de aula da jovem Universidade.



13 MIL DIAS

Inquieta. Ansiosa. Elétrica. Você vai falar, mas ela já sabe, já viu. À primeira vista, pode não parecer, mas você está diante de uma das servidoras mais colaborativas da Universidade de Brasília. Só que ela não pode perder tempo. O *deadline* do jornal está logo ali. É preciso encontrar um professor para falar às 19h. Aquele artigo necessita de ajustes. Com exclamações, muitas exclamações.

A rotina da relações públicas Shirley Gonçalves não tem monotonia e é isso que a faz seguir na instituição mesmo após ter alcançado os requisitos para aposentadoria. Shirley trabalha na Universidade há 36 anos – ou 13 mil dias, como prefere o sistema do Decanato de Gestão de Pessoas. Ingressou em novembro de 1980, logo após chegar à capital. Não havia na UnB setor dedicado à relação com a imprensa. Eram os últimos momentos da ditadura no país.

Cinco anos depois, a paulistana testemunhou a primeira eleição para reitor e viu a Universidade desabrochar. “Havia efervescência, alegria! Pela primeira vez, pude enxergar a vida no campus. Aí começou nosso caso de amor.” A servidora foi convidada pelo jornalista Hélio Doyle para compor a recém-criada Assessoria de Comunicação. “Entendi a responsabilidade que tínhamos com a imagem da UnB.”

Com os constantes pedidos de fontes por parte da imprensa, Shirley percebeu, também, a necessidade de organizar os contatos dos professores por tema. “Escrevíamos à mão num fichário”, recorda. Hoje, o setor conta com banco de dados e recebe, em média, 400 demandas de veículos locais e nacionais por mês. Quando o programa falha, é a memória

Arquivo Pessoal



Servidora acompanha reitor Ibañez na inauguração do Observatório Sismológico em 1986

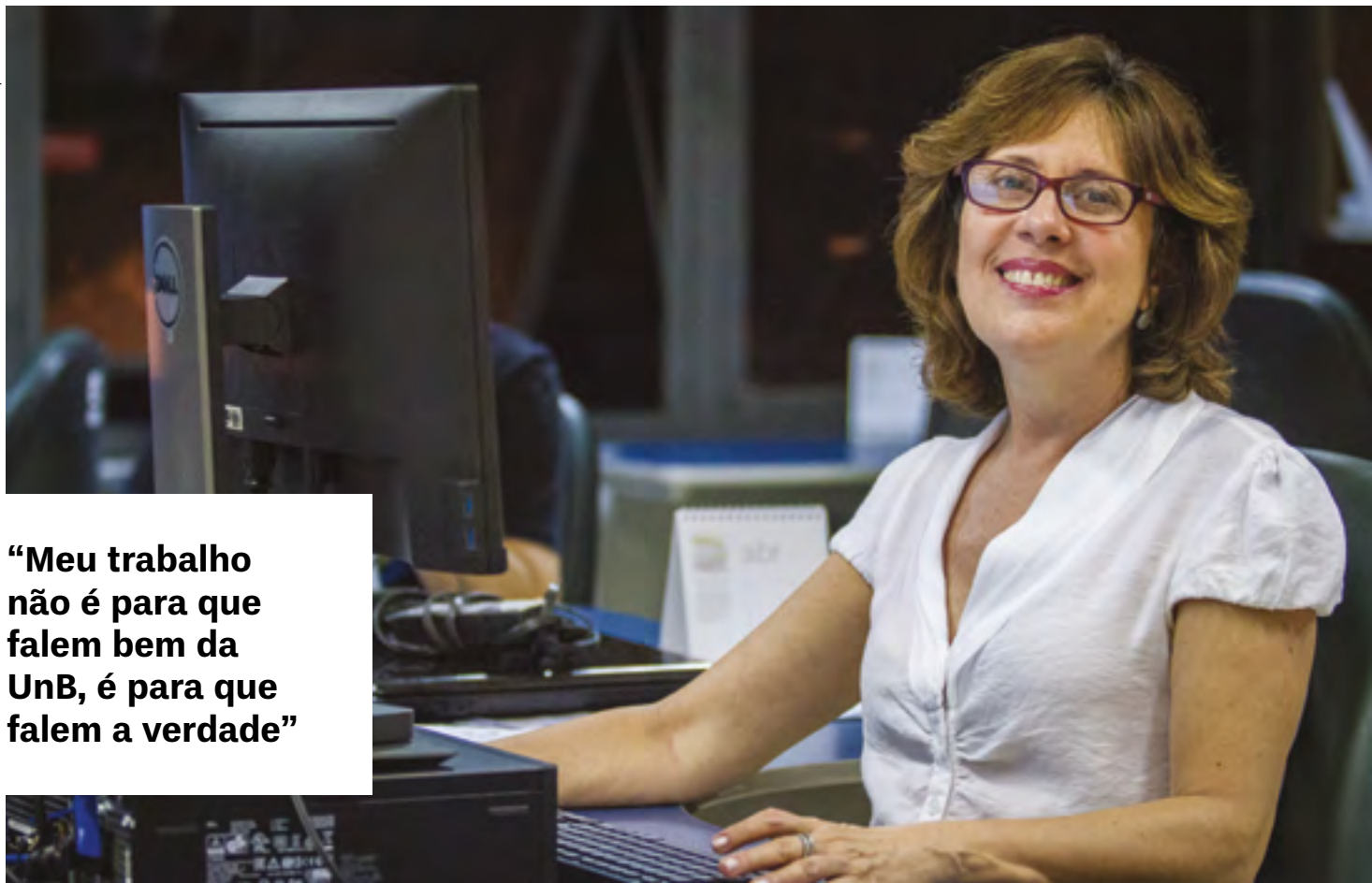
de Shirley que salva. “Há pedidos inusitados, como analisar os benefícios de andar pelado ou o que aconteceria se todo o dinheiro do mundo fosse sacado e queimado”, diverte-se.

Ao longo desses anos, Shirley atuou em eventos históricos, como as visitas de Nelson Mandela (1991) e do Dalai Lama (1999). “Mandela havia acabado de sair da prisão. Não conseguimos projetar o número de pessoas. Havia gente por todos os lados, nos telhados, nas árvores. Uma multidão de fotógrafos e jornalistas. Foi emocionante.”

Apesar de ter acompanhado os bastidores de todas as administrações desde 1985, Shirley é bastante discreta. Não revela detalhes nem preferências. Deixa escapar apenas sua admiração pelo ex-reitor Lauro Morhy. “Ele tinha um sentimento agregador, buscava fazer o melhor para a instituição e a sociedade.”

Certa noite na Secretaria de Comunicação, ao pedir retificação numa matéria a um jornalista, a servidora resumiu seus 36 anos de dedicação à Universidade: “Meu trabalho não é para que vocês falem bem da UnB, é, antes de tudo, para que falem a verdade”.

Beto Monteiro/Secom UnB



“Meu trabalho não é para que falem bem da UnB, é para que falem a verdade”

JACQUES DE NOVION

MODOS DE ATUAR

Pelos jardins do campus Darcy Ribeiro, um garoto de ascendência argentina arrisca as primeiras pedaladas ao lado do pai, professor de antropologia, e da mãe, aluna da mesma área. Após mais de uma década, o local se torna palco de sua efervescente militância. Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion – ou Jacques de Novion, como é conhecido – se considera praticamente nascido na UnB, onde passou grande parte da infância. “A Universidade era minha área de diversão.”

Os pais vieram ao Brasil exilados da ditadura na Argentina. Jacques chega ao mundo com enorme dilema: quem ele era? Havia no íntimo o estranhamento por nascer em país que não o dos familiares. “Quería entender por que na minha casa se falava de um jeito e na rua, de outro.” A identidade híbrida trouxe inquietações, respondidas ao longo da vida de diversas maneiras:

1. Tornar-se militante: fim da ditadura militar, democracia, nova constituição. Muitas mudanças no país. Com apenas 13 anos, Jacques já estava envolvido nas lutas sociais. “Havia grande anseio das gerações anteriores quanto à liberdade de pensar o futuro da nossa sociedade, o que, de certa forma, alimentava as novas gerações.”


Aos 16, tirou o título de eleitor, filiou-se a um partido de esquerda, engajou-se em movimentos estudantis e sociais. Quería mais. Em 1999, então graduando de História, assumia a liderança do Diretório Central dos Estudantes da UnB, em gestão batizada pelo clamor de “Honestino Vive”, referência a um dos símbolos da luta contra a ditadura.

Nem Coca-Cola, nem Ford. O lema era “aproximar os diferentes saberes e conhecimentos”, como idealizava Darcy Ribeiro, em diálogo com os movimentos sociais. “Fomos contrários à velha estratégia de pedir financiamento a grandes empresas para fazer eventos na Universidade.”

2. Cursar História: da trajetória e da herança antropológicas dos pais tirou a lição: aprender história era conhecer-se um pouco mais. Apaixonou-se pela disciplina ainda criança. “Lembro de me pedirem, no primeiro grau, para fazer um trabalho sobre a escravidão no Brasil.” Foi o impulso para a chegada ao curso de História na UnB em 1997.

3. Revolucionar: 1998. Paisagem já conhecida: os jardins da UnB. Viu ali empipocar o motim de alunos, docentes e técnicos administrativos contra a privatização das universidades públicas. Barracas enfileiravam-se no ICC, onde fora montado o acampamento dos manifestantes. “Vários de nós perderam muitos quilos. Nossa alimentação ficou bastante comprometida.” Mais de três meses de greve. A experiência trouxe aprendizados diversos. Um deles: tão importante quanto se formar na militância, era cuidar do futuro profissional.

4. Aprimorar a formação: Jacques levou a sério a premissa: “a Universidade forma identidades”. Retornou à UnB depois de graduado para realizar especialização em Bioética e depois mestrado em História. Dali, fez conexão no México para doutorar-se e procurar mais peças que se encaixassem em seu quebra-cabeça identitário. Encontrou a paixão pelos estudos latino-americanos e caribenhos. Hoje é perito no assunto.

5. Ser docente: contribuir com a formação crítica de alunos foi o compromisso firmado por Jacques na volta à UnB, em 2012. O período afastado o fez descobrir outro espaço. “A UnB hoje tem mais cara de Brasil.” Acredita no diálogo como instrumento para fomentar a diversidade no debate acadêmico. Talvez um dos maiores legados das buscas pessoais. Além da certeza: “A única forma de ser verdadeiramente livre é com o que se carrega na cabeça”. 



Julio Miras/Secom UnB



LILAH FIALHO E ADRIANA IBALDO

O EXATO FEMINISMO

Na vida, trajetórias distintas. Na luta feminista, ideias que dialogam. A professora Adriana Ibaldo e a doutoranda Lilah Fialho, ambas do Instituto de Física, nunca desenvolveram projetos juntas, mas abraçam a mesma causa. Querem mais espaço para as mulheres na área de Exatas.

Aos 25 anos, Lilah acabou de entrar para o doutorado. A construção de uma carreira acadêmica foi surpresa até para a própria estudante, que demorou a se encontrar na física. “Quando passei no vestibular, aos 16, estava muito cansada. Não queria começar o curso, minha mãe me obrigou.”

Em termos acadêmicos, o currículo de graduação deixou a desejar. Reprovou duas vezes

em física 1 e 2. Foi desligada da Universidade. Quando reintegrada, o coordenador a questionou sobre expectativas. “Não sabia se era o que eu queria, mas eu gostava. Se comecei, iria terminar”, insistiu.

O caminho da professora Adriana foi um pouco diferente. Natural de Sant’Ana do Livramento, no Rio Grande do Sul, veio com os pais para Brasília ainda pequena. As áreas de Ciências e de Exatas sempre foram objetos de seu encantamento. Optou por fazer Química, na UnB. “Dei sorte de o curso ser o que eu esperava no ensino médio. Identifiquei rapidamente o que gostava e tive oportunidades de seguir com pesquisas na área.”

Ainda na graduação, Adriana se impressionava com o alto índice de evasão dos cursos



Julio Minasi/Secom UMB

de Química e Física. Na visão da pesquisadora, são muitas as razões para a desistência. Déficit de conteúdo da formação básica, desumanização de processos e frustração de expectativas. “Muitas vezes, o aluno entra com uma idealização que não corresponde à realidade do curso.”

Para Lilah, a desmotivação inicial se deu por uma combinação de fatores. “Era muito jovem, não sabia exatamente o que queria. Há muitas barreiras no caminho e, no geral, pouco apoio.” Muitos não seguem o fluxo curricular e, com isso, a convivência com os colegas diminui. “Em vários casos, também há grande distanciamento entre estudantes e professores”, aponta.

Curiosamente, foi um docente que despertou o olhar carinhoso da aluna para a física. “Sabe aqueles professores apaixonados? Que ama o que faz? Ele é assim”, lembra com ▶



Luis Gustavo Prado/Secom UMB



Fotos: Luis Gustavo Prado/Secom UnB

“Minha mãe me ensinou que posso fazer o que eu quiser. Quero ver meninas crescendo na Matemática”

carinho de Joaquim José Soares Neto. À época, Lilah pediu para participar de um de seus projetos de pesquisa. “Achei que ele iria recusar por conta das minhas notas, mas ele topou. Na metade da graduação, enfim, comecei a me envolver com a área.”

Gostou tanto que emendou o mestrado e, agora, o doutorado. Recentemente, começou novo projeto. “Queria participar de algo social. Vi, no Facebook, a postagem de uma ex-aluna do curso de Física na UnB – Erica Oliveira – com a ideia de oferecer monitorias para alunas de escolas públicas. Conversamos e montamos a proposta.”

Pela internet, reuniram monitoras voluntárias com o intuito de ir aos colégios e tirar dúvidas das garotas em física, química, matemática, ciências e biologia. Surgia, assim, *A menina que calculava*. Até o final de março de 2017, o projeto somava 68 monitoras, 15 escolas cadastradas e 120 alunas atendidas por semana.

A construção da invisibilidade das mulheres na sociedade e na própria ciência é algo que incomoda Adriana desde a adolescência. Pensar em ações voltadas para esse público tornou-se obrigação moral quase inevitável.

“Situações reais de sexismo e assédio ocorriam comigo, com amigas, com colegas de laboratório, com alunas. De fato, você começa a perceber que homens e mulheres não têm oportunidades iguais.” Na perspectiva de contribuir para mudar esse cenário, resolveu se dedicar às discussões de gênero.

Além de abrir vários espaços (em aulas, seminários, colóquios, palestras e vídeos) para problematizar questões sociais, coordena projetos de pesquisa e extensão voltados para meninas que se interessam e se identificam com a área de Exatas e para formação e fortalecimento da carreira de mulheres que optaram pela física.

Fundou ainda um grupo no Instituto de Física com foco em estudos de gênero. Atualmente, cinco pesquisadores, dez alunos – bolsistas e voluntários – e cinco egressas atuam na iniciativa de divulgação científica e desenvolvem ações junto à comunidade do Distrito Federal. Uma das ex-integrantes do grupo, à época estudante do ensino médio e bolsista de iniciação científica júnior, faz Física na UnB.

Para alunas do ensino médio, são ministradas oficinas com a realização de atividades experimentais para despertar o encantamento pela física. A interação com as mais jovens também é feita por meio de conteúdos postados no *Portal da Menina na Física*, no Facebook.

O que move Adriana: “Mostrar para as garotas aonde elas podem chegar, e oferecer um bom leque de opções para que, realmente, possam escolher livremente o que lhes agrada”. E Lilah completa. “Minha mãe me ensinou que posso fazer o que eu quiser. Quero ver meninas crescendo na matemática. Que se sintam mais confortáveis para optar por cursos nas áreas de Exatas. Que tenham confiança em si mesmas.”



Ilustração: Marcelo Jatobá/Secom UnB



Luis Gustavo Prado/Secom UnB

FRANCISCO BESERRA

APENAS O COMEÇO

Estar na Universidade de Brasília foi acontecimento do destino na vida de Francisco Beserra. Ao terminar o ensino médio, o plano era ir para São Paulo estudar Geografia e fazer curso técnico de teatro. Não passou no vestibular e adiou a tentativa de entrar para a faculdade.

Morava na periferia de Aparecida de Goiânia, em Goiás. Trabalhava em um shopping. Começou a pensar na UnB inspirado em um amigo, que estava na Universidade. Inscreveu-se, então, no vestibular. Não foi liberado do emprego para fazer a prova de habilidade específica em Artes Cênicas. Aprovado na segunda opção de curso, entrou para Geografia (2/2011).

Hoje com 24 anos, o rapaz acredita que o caminho aleatório, pouco planejado, não poderia ter sido melhor. “Me sinto totalmente UnB. A história dessa Universidade é inclusiva e memorável. A forma como foi pensada me inspira”, aponta.

Na capital federal, o primeiro enfrentamento foi a discrepância social, financeira, cultural e ideológica do universo que passou a integrar. De origem popular e ingressante por cotas, teve o apoio de programas de assistência estudantil desde o início da graduação. Recebia auxílio moradia e dividia aluguel com outras pessoas, na Asa Norte. “Viver em Brasília, imerso em um ambiente social ao qual não pertencço, é uma experiência interessante. Eu sou da periferia, onde todo mundo trancava os portões. Morar numa SQN é intercâmbio de classe.”

A impressão do goiano era de que ele, agora, convivia com os filhos das patroas de sua mãe, trabalhadora doméstica. O contexto despertou-lhe novo olhar sobre sua identidade, sua comunidade e sobre como a Universidade tem – ou pode ter – forte impacto social. “O que fazemos aqui é digerido nas periferias, mesmo que a galera não seja acadêmica. O conhecimento não tem sentido só como resposta numa prova ou como artigo.”

Na trajetória acadêmica, o estudante se distanciou da Geografia e se aproximou da Geologia. Teve contato com o Museu de Geociências e a Paleontologia. Descobriu a arqueologia, a antropologia física e, por fim, mudou o curso. Agora está no último ano de Antropologia.

A negritude é sua mais recente descoberta e identificação. Integra o Quilombo, diretório acadêmico que discute e luta pela ascensão, participação e protagonismo de pessoas negras na Universidade. “Estudantes negros e periféricos e alunos brancos de classe média chegam aqui por caminhos muito distintos. Me sinto poderoso em saber que, com articulação e resistência, posso estar no mundo e pertencer ao que eu quiser.”

Quando começou o curso de Geografia, há quase seis anos, Francisco projetava um futuro diferente. O cenário mais provável era o retorno para Aparecida de Goiânia e uma carreira de professor da educação básica. Hoje, a perspectiva é acadêmica. Mais que o mestrado e o doutorado, quer ocupar espaços. Universidade, docência, pesquisa. “Me sinto tão poderoso e ambicioso que a UnB para mim foi só o começo.”



SUZANA MUELLER

INFORMAÇÃO, FAMA E VOCÊ

Mãe de artistas, bibliotecária, docente, pesquisadora com pós-doutorado. Características que se referem à professora emérita da Universidade de Brasília Suzana Mueller. Apesar dos títulos e do conhecimento de causa, Suzana é tímida e foge um pouco de holofotes. “Você não prefere entrevistar meu marido? Ele também é emérito”, questiona, com humor.

Suzana e Charles Mueller, emérito desde 2007, vieram do Paraná para a UnB em 1972. “Vim para trabalhar na Biblioteca e ele, para ser professor de Economia. Naquela época, a biblioteca estava provisoriamente no prédio da engenharia”, lembra Suzana. “E tinha uma filosofia bem interessante, não queria ter nenhuma filial. Era realmente o centro social da Universidade.” As outras universidades tinham múltiplas bibliotecas dispersas, o que gerava duplicações desnecessárias de acervo e de processos técnicos e administrativos.

A BCE também era sempre palco de visitas quando autoridades de outros países vinham encontrar o presidente da República. “Veio o

primo do atual imperador do Japão, uma médica romena dermatologista, um chanceler alemão. A biblioteca era *showbizz*”, brinca.


Inaugurada em 1973, a atual biblioteca tem capacidade para um milhão de volumes e dois mil usuários em seus 16 mil m². No início, tinha a proposta de funcionar 24 horas por dia. “Foi muito inovadora e manteve um serviço de referência. Eu era uma das bibliotecárias e participei ativamente da mudança para o novo prédio”, conta Suzana.

Com o tempo, tornou-se chefe daquele serviço, se especializou – fez mestrado, doutorado e pós-doutorado nos Estados Unidos e na Inglaterra – e abraçou a docência e a pesquisa em comunicação científica e ciência da informação.

Também teve papel fundamental na criação do mestrado em Biblioteconomia, que completa 40 anos em 2018, e do doutorado, que tem 25 anos. “Entre os anos 70 e 80, os cursos universitários começam a exigir, nas contratações, especialização ou mestrado. Isso aumenta demais a demanda sobre a bi-

blioteca e faz com que exista um avanço na biblioteconomia também”, lembra.

Com 45 anos de UnB, aposentada desde 2011, ela ainda acompanha orientandos no doutorado em Biblioteconomia. “Ainda falta um, que deve defender até o início do ano que vem”, calcula. Suzana, porém, já passou para um colega a liderança do grupo de pesquisa que fundou em 1994. “Acredito firmemente na renovação. E ser emérita, já reconhecida, é uma zona de conforto muito grande.”

Apesar do coroamento de Suzana na academia, a fama coube ao filho André, o André X, baixista da banda Plebe Rude. Hoje ele concilia a vida de músico com a de servidor do Banco Central. “Tiveram muito sucesso, ganharam disco de ouro. Fiquei conhecida como a mãe do André”, ri. O outro filho, Bernardo, também teve banda (Escola de Escândalo) e fama na Brasília roqueira. “Vieram os tempos difíceis e ele se interessou pela academia. Hoje, é professor da Face.” Os dois estudaram na UnB: Bernardo, Economia; André, Arquitetura. 

Para o “bom dia”, sorrisos. Para o “boa tarde”, alegria. É assim que Jéssica de Sousa, 23 anos, recebe quem frequenta o Restaurante Universitário do campus Darcy Ribeiro. A jovem é funcionária da Sanoli, empresa terceirizada responsável pelo serviço do RU.


Para cumprir sua jornada de oito horas de trabalho, acorda às 4h40, se apronta e, de ônibus, faz o trajeto Taguatinga Norte – Plano Piloto. Às 6h30, chega ao RU. Toma café da manhã e vai para a catraca esperar os alunos. “É um ambiente agradável. Convivemos com histórias e estilos muito diferentes. A diversidade é enorme.”

Espalhar cumprimentos felizes parece ser algo nato à recepcionista. Já valorizar os pequenos gestos, filosofia de vida. “Não gosto de relações robóticas, prefiro interagir como ser humano. A acolhida com carinho e simpatia pode mudar o dia de uma pessoa”, acredita. Ela conhece alguns alunos pelo nome e até saiu com um estudante de Engenharia para tomar um açaí. “Trocamos mensagens até hoje.”

Priorizar relações de afeto é característica que vem de berço, segundo Jéssica. “Minha mãe me criou com muitas demonstrações de amor. E a gente vive num mundo tão caótico. Não vale a pena ficar com a cara fechada, ranzinza.”

Apesar de trabalhar na Universidade, não costuma andar muito pelo campus. Nos momentos de intervalo ou fora do horário de trabalho, arrisca poucas caminhadas pelo ICC ou à Biblioteca. A convite de um amigo, levou o sobrinho de 11 anos para conhecer o Instituto de Ciências Biológicas. “Ele ficou apaixonado e disse que quer ser biólogo.”

A garota tem planos de entrar para a faculdade. Sonhou em ser astronauta, passou para Biblioteconomia na Universidade Federal do Maranhão – não se matriculou porque perdeu o prazo. Agora, está inclinada a tentar algo relacionado com a área de saúde. “Enfermagem ou Medicina, quem sabe.”

A UnB segue em seu horizonte, como um sonho. Quando completou o ensino médio, a mãe passava por dificuldades. “Tive que priorizar o trabalho. Sou nova, posso tentar o vestibular daqui dois, três ou quatro anos”, planeja. Para ela, o convívio com os alunos e com o ambiente universitário serve como motivação para continuar estudando. 



JÉSSICA DE SOUSA

BOM HUMOR À MESA

MATERNIDADE REAL



Thalita Sampaio tem 19 anos. Há menos de um, foi mãe. Descobriu a gravidez um mês depois de entrar na graduação em Serviço Social, em agosto de 2015. A ideia era pedir exercício domiciliar com a chegada de Arthur Kauan.

No entanto, a rotina ficou cada vez mais cansativa – deslocamento diário de ônibus, calor, estudos, desconfortos típicos do final de gravidez. Em abril, sua mãe de criação (avó paterna) caiu e precisou ser internada. “Ficava com ela no hospital. Seria difícil continuar o semestre. Então tranquei.”

Arthur nasceu em maio de 2016. No mesmo mês, a avó sofreu um infarto, falecendo em julho. A jovem foi para a casa da mãe biológica, no núcleo rural do Gama, a cerca de 50 km da UnB. Voltou a frequentar as aulas no segundo semestre de 2016, junto com o filho. “Entre outras coisas, era complicado de ônibus, na chácara não pegava celular, internet. Com a ocupação da Universidade pelos estudantes, desisti das disciplinas.”

No início deste ano, a aluna foi morar com o pai da criança e retomou a graduação. Atualmente, eles dividem o mesmo teto, mas estão separados. “É difícil conciliar casamento, casa, filho e estudo. Pouca gente entende isso”, desabafa.

Para assistir às aulas, acorda às 5h30. Arruma-se, troca a criança e sai com mochila e carrinho para pegar dois ou três ônibus, dependendo do dia. “Trazê-lo é uma necessidade. Não tenho com quem deixá-lo ou como pagar babá ou creche.”

Ressalta que seus professores são compreensivos, mas sabe de outras mães que enfrentam resistência. E reclama da falta de infraestrutura para os pequenos. “É papel social de uma universidade pública oferecer apoio às mães.”

“É difícil conciliar casamento, casa, filho e estudo. Pouca gente entende isso”



Trajetórias distintas, dores e delícias que se aproximam, desafios que se encontram. A necessidade de espaços adequados para as crianças também é uma das questões colocadas por Camila Varela, estudante de Letras-Francês. Aos 27 anos, é mãe de Nawê. “A UnB não é pensada para acolher crianças e, se elas ficam excluídas do ambiente, suas mães também estão.”

A aluna é doula voluntária e trabalha como professora de português para estrangeiros. Engravidou aos 25 e, embora não tivesse planejado, a maternidade sempre foi um desejo latente. O “choque de realidade e a vivência de dificuldades concretas” vieram junto com o nascimento de Nawê, hoje com 2 anos.

Formada em Letras – Português do Brasil como Segunda Língua, terminou a primeira graduação grávida. Queria seguir no mestrado, mas, com filho pequeno, preferiu adiar os planos. “Tranquei o curso para parir e depois estava aqui com ele para começar a minha segunda habilitação”, detalha.

Intrigada com as dificuldades do dia a dia, uniu-se a outras mulheres, e juntas articularam uma rede de apoio. Além da ajuda mútua, pretendem apresentar reivindicações à Universidade. Entre elas, espaço para acolher crianças, fraldários, permanência de grávidas e mulheres com filhos na Casa do Estudante, preferência nas matrículas em disciplinas para estudantes-mães e que filhos de servidores e alunos paguem o mesmo preço dos pais no Restaurante Universitário – hoje, maiores de dois anos têm que pagar o valor cobrado a visitantes.

A professora Cristina Dunaeva também participa do grupo. Ingressou na Universidade em 2015 e ministra aulas no curso de Teoria Crítica e História da Arte (VIS/IdA). Nasceu e cresceu na Rússia, mas veio para o Brasil em 1999. Engravidou de Pedro Uaná, hoje com 8 anos, quando fazia o doutorado. “Foi muito difícil. Meu trabalho de campo era na Rússia, tive que levá-lo comigo quando ele tinha seis meses.”

Cristina reitera que a percepção do quanto as mães são excluídas socialmente chegou com a maternidade. “Somos completamente invisíveis e silenciadas. Muitas vezes, é impossível trabalhar, estudar e cuidar da criança. Mecanismos institucionais para garantir direitos a essas mulheres são imprescindíveis.”

Às mais jovens, deixa um recado. “É difícil. Sejam otimistas. Lutem. Se as coisas não mudarem, continuaremos resistindo para que as pessoas nos percebam.”





Fotos: Júlio Minas/Secom UnB

Os sons ao redor ecoam abafados, quase inaudíveis. A rubéola, adquirida no ventre materno, trouxe marcas resistentes ao tempo. Saulo Machado nasceu praticamente surdo. No ouvido esquerdo, a perda auditiva tornou-se aguda com o passar dos anos. O direito foi afetado parcialmente, daí o auxílio de um pequeno aparelho. Ainda assim, prefere a leitura labial para compreender os interlocutores. “Usar o aparelho é como usar óculos, aparelho dentário ou cadeira de rodas.”

Ainda criança, comunicava-se com tropeços na fala, desenvolvida com a fonoaudióloga. “Quando pequeno, usava uma caixinha, que parecia um microfone, e um fone de ouvido. As pessoas ligavam outro fone para conseguirem falar comigo. Usava somente com os professores. Tinha muita vergonha.” Aos 12 anos, o contato com novo universo linguístico o fez ir além das adversidades na convivência escolar. “A língua brasileira de sinais mudou a minha vida.”

A experiência na escola pública abriu portas para se aproximar de outras crianças com deficiência auditiva. Hoje, professor da UnB, repassa tal expertise a alunos surdos e futuros docentes que lidarão com realidades diversas nas escolas. Longo caminho para chegar até aí.

Apaixonado por cinema, almejava graduar-se na área fora do país. “Faço críticas como hobby.” A rotina impede a prática constante do hábito. Precisava aprimorar outro idioma. Em 2006, ingressou no curso de Letras-Ingês, em faculdade particular. No mesmo ano, Saulo descobriu a oferta, pela Universidade Federal de Santa Catarina, da primeira licenciatura semipresencial em Letras-Libras do país, com um dos polos na UnB. Entrou para o curso.

Trajectoria cinematográfica adiada, outras afeições seriam despertadas. Concluídas as graduações, a sala de aula se

SAULO MACHADO

LÍNGUA DA LIBERDADE

tornou outra vez o destino, porém como educador. Retornou à UnB como substituto no curso de verão de Libras, em 2011. O mestrado em Linguística foi o passo seguinte e crucial para definir novos rumos à vida. Seguiria carreira como professor.

Como bom cinéfilo, frequentava festivais de cinema em Brasília, como colaborador nas legendas para surdos, palestrante ou espectador. Nas andanças, algo o deixou intrigado. Assistia à abertura de renomado festival, quando percebeu a intérprete de Libras traduzir as falas dos anfitriões soletrando o alfabeto. “Não tinha sinais específicos para cinema. O público surdo não conseguia prestar atenção porque a soletração confunde muito.” Lá estava a ideia de pesquisa do mestrado.

Desenvolveu termos próprios do vocabulário cinematográfico em Libras, a partir de neologismos, com a intenção de “difundir entre os intérpretes ou atores surdos”. O professor pretende avançar na temática com o doutorado à vista e agora como concursado da UnB. Acredita no espaço acadêmico como ambiente de inclusão. Para Saulo, o sonho de ver a *Universidade para Todos* – título de seu primeiro curta-metragem – tem se tornado realidade. “A UnB mostrou uma potência muito grande para receber o surdo.”

DITADURA



Arquivo Central/UnB

Antes mesmo de existir a UnB, sua proximidade com a Esplanada dos Ministérios foi vista por autoridades como obstáculo – não queriam que estudantes interferissem na vida política da cidade. Poucos anos depois de sua criação, porém, o recesso ganhou proporções de ameaça e, com o golpe militar instaurado no Brasil, iniciaram as invasões ao campus da Universidade. Entre a primeira, em 1964, e a última registrada, em 1977, professores e estudantes foram perseguidos, salas de aula, escritórios e a Biblioteca Central foram revisitados e interditados diversas vezes em busca de armas e material de propaganda subversiva. Houve passeatas, coação, violência, morte e desaparecimentos, como o do líder estudantil Honestino Guimarães. Em emblemática ocasião, em 1965, 209 professores e instrutores – quase 80% do corpo docente – pediram demissão coletiva como protesto contra a repressão sofrida na UnB.



JHONATAN BEZERRA E LÚCIA KOBAYASHI

SUOR E DEDICAÇÃO

Esperança de medalhas no kung fu e referência no taekwondo, Jhonatan Bezerra e Lúcia Kobayashi transformam o esporte em filosofia de vida

Esforço, competência, trabalho duro, busca da perfeição. Significados normalmente associados à expressão *kung fu* e que, de forma geral, se estendem ao esporte. Ainda mais quando se trata de práticas para o alto rendimento e para a boa performance em competições.

A rotina de Jhonatan Bezerra prevê de 30 a 40 horas de treinos de kung fu wushu por semana. O estudante do quarto semestre de Educação Física é promessa da UnB em competições nacionais e internacionais. O jovem de 23 anos integra a seleção brasileira da modalidade e vai disputar o campeonato sul-americano, previsto para julho, no Uruguai.

Iniciou a trajetória esportiva na capoeira, mas o pai tirou o garoto e o irmão das aulas quando este quebrou o braço. Depois disso, Jhonatan viu “um pessoal fazendo umas coisas estranhas e engraçadas.” Foi atrás e descobriu o kung fu. O interesse completa 12 anos de treinamentos.

O atleta, nascido em Planaltina, destaca os benefícios da prática esportiva. “Os meus melhores amigos estão no kung fu. Também comecei a me relacionar melhor com as pessoas, a ser menos tímido.”

Apesar da dedicação aparentemente exclusiva, Jhonatan concilia o esporte com outros âmbitos de sua vida. É o primeiro da família a estudar em universidade pública. “Penso que a educação física seja uma forma de trazer saúde às pessoas. Quero dar aulas e melhorar a vida de crianças e adultos.”

Montar um grupo para divulgar o kung fu na UnB é outro objetivo do aluno. Acredita que os bons resultados e o apoio da instituição são caminhos para dar visibilidade ao esporte. Seu colega de academia, de seleção brasileira e de UnB – da Agronomia –, Gabriel Komaziro, de 20 anos, também está nessa missão. “A Universidade vem dando espaço e criando oportunidades para os atletas. O incentivo é fundamental para quem está na disputa e para tornar o kung fu mais conhecido.”

Dedicação e disciplina também se aplicam à história de Lúcia Kobayashi. A professora e mestre em taekwondo é referência no Distrito Federal. Atua como técnica nos laboratórios de Fisiologia do Exercício e de Cineantropometria da Faculdade de Educação Física. Há quase duas décadas, ministra aulas de taekwondo para a comunidade universitária. Além de servidora, é


graduada pela instituição, onde atualmente cursa o mestrado.

Na infância, chegou à faixa roxa no caratê, nível intermediário. Até conhecer e se apaixonar pelo taekwondo. “Achei dinâmico, havia mais interação, menos rigor. Ele carrega toda disciplina e respeito das artes marciais, só que é mais divertido, solto e ousado”, explica sua sedução pelo esporte das mulheres e homens voadores.

Ser mulher, inclusive, é ser minoria na modalidade. A servidora exemplifica a regra com a exceção. “Teve um momento no projeto de extensão que só tinha um homem, quando começamos a ofertar aulas para a comunidade, em 1998. Isso é raro e até histórico.”

Participou de campeonatos praticamente em todas as graduações do taekwondo,

até que um mestre a orientou a se especializar dentro de uma das formas do esporte, o *poomsae*. “Eu tinha base no caratê e isso me ajudou. Me graduei faixa preta em 2005 e antes de 2010 era destaque”, revela. Foi campeã de três nacionais e participou do mundial de taekwondo *poomsae* na Colômbia (2012), com apoio financeiro da UnB. Chegou às finais de forma inédita para o esporte brasileiro.

O campeonato lhe abriu portas para consolidar seu nome dentro da área e para atuar como árbitra e palestrante em nível nacional, experiências que não estavam nos planos iniciais de Lúcia. A servidora ainda se dedica à tradução de regulamentos internacionais que orientam o esporte, com o intuito de auxiliar atletas brasileiros e desmitificar o taekwondo. 

Beito Monteiro/Secom UnB



ESTRANGEIRO ROCKSTAR

Postura séria, conversa tímida. Desconfiado, Rawlings Onserio resiste a posar para a foto. Surpreendentemente, a conversa flui sem demora e Haffaz – como é chamado pelos amigos – revela-se mais descontraído do que as aparências. O apelido é alusão à personagem principal da comédia *O Ditador* (2012). O enredo do filme e a (mínima) semelhança física entre o calouro e o tirano não sustentam a referência. Então, o jovem de 19 anos esclarece: “Dizem que somos engraçados”.

Haffaz nasceu em Nairóbi, capital do Quênia, onde estudou até o ensino médio. Descreve que teve uma vida normal, com amigos, videogame e música. “Nunca fiz coisas para ser preso. Acho que sou gente boa.” Preferiu não detalhar sua realidade financeira, mas afirma que “não pode reclamar de dinheiro”. Os pais trabalham para o governo do país africano. O irmão mais velho formou-se em Economia na Nova Zelândia.

O pai de Rawlings viu, no jornal, um anúncio de intercâmbio para o Brasil, desafio interessante para o estudante que queria se formar em Relações Internacionais (REL). O garoto concretizou sua vinda por meio do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), parceria entre universidades públicas e os ministérios das Relações Exteriores e da Educação. A UnB integra a iniciativa desde 1994 e já recebeu 340 estrangeiros – atualmente são 44 alunos atendidos.

Durante um ano, Haffaz fez curso de português em Salvador e, desde fevereiro de 2017, está na Universidade de Brasília, onde REL é referência na América Latina. Bom leitor, o intercambista enfatiza que sabia várias coisas sobre o Brasil. “Na primeira reunião na Bahia, nos perguntaram qual a capital federal e quase todo mundo dizia Rio, São Paulo. Levantei a minha mão e dei a resposta correta”, orgulha-se.

O queniano conhece nomes como Juscelino Kubitschek, Lula e Cazusa. Mas o estilo do cantor não é o seu favorito. “Gosto de rap tipo Eminem e Kanye West.” Com inclinações por brasileiros como Racionais MC’s e... Wesley Safadão. “É nosso segredo. Não é bom para o meu currículo. E se falar que eu danço, esclareça que é muito ruim”, brinca.

Aprender o português não foi fácil para o estudante. No início, falava apenas com os amigos africanos ou com pessoas que entendiam inglês. Com o tempo, começou a praticar. Assistia a filmes com legendas em português, tinha uma boa professora. “O mais difícil é a conjugação dos verbos. Foi estranho”, admite.

Rawlings acredita que a graduação em Relações Internacionais lhe oferecerá oportunidades para atuar em todo o mundo. Ainda, reconhece que terá árduo caminho. “Nunca achei que seria fácil, terei que estudar muito.” Já conhece alguns prédios da Universidade e gosta da comida do Restaurante Universitário. Lembra o nome de Darcy Ribeiro, mas admite não conhecer sua história. “Achei um nome chique, vou procurar saber mais.”

Se perdeu algumas vezes em Brasília, cidade “mais diferente que já conheceu”, e ainda não se acostumou à lógica de endereços e quadras. Atualmente, mora na W3 Norte com um amigo. “Em Salvador, basta pagar aluguel. Aqui é muita burocracia. Mas encontrei um bom lugar.”

À vontade, evita fazer projeções. Diz ter quatro anos pela frente e busca opções abertas. “Sou um cidadão mundial, quero meu diploma, ganhar experiências e dinheiro. Posso até me casar com uma brasileira, quem sabe.” Ao se despedir, deixa um pedido: “Me faça um *rockstar* nessa entrevista”.



“O vigilante é muito sistemático na sua forma de observar o mundo”



MARCOS VALÉRIO GONÇALVES

PEDAGOGIA DA VIGILÂNCIA

Era fim de tarde no bloco B da Casa do Estudante, no campus Darcy Ribeiro. O vigilante Marcos Valério Gonçalves aproveitava a folga para encontrar namorada do curso de Antropologia. Acabaram estendendo o encontro romântico madrugada adentro. As horas correram.

Logo o sol raiava nas janelas do prédio, quando ele saía do local em direção à Coordenadoria de Proteção ao Patrimônio da UnB para iniciar seu turno. Os chefes da vigilância já o aguardavam para um interrogatório. “Marcos Valério, o senhor quer se demitir ou quer que a Universidade te mande embora?”, abordou-o sem delongas um dos responsáveis pela área. Sem entender o motivo da rispidez, rebateu: “Nenhum dos dois. Eu quero saber o que está acontecendo”.

A justificativa para o motim se fez evidente. Eram proibidos relacionamentos amorosos entre funcionários e alunos da UnB. Em plena década de 1980, esse era, para Marcos, claro resquício do autoritarismo oriundo da ditadura. Sabe-se lá como, o caso chegou aos ouvidos dos colegas. “O senhor foi visto saindo exatamente às 7h45 da portaria do bloco B”,

relatou um dos membros da chefia. “Isso não é fofoca e o senhor vai ser demitido.”

Diante da ameaça, Marcos não recuou. “Tudo bem, teremos um funcionário demitido e uma estudante jubilada. Se eu for demitido, vou percorrer todos os centros acadêmicos, conversar com todo mundo para manter o nosso relacionamento. Eu estava de folga e não acho que uma coisa tenha a ver com a outra”, contra-argumentou.


Para completar o revide, alertou que acionaria advogados e meios de comunicação. No final das contas, chegou a um acordo com os chefes. Poderia apenas cumprimentar a aluna enquanto estivesse fardado. Recomendaram que não fosse visto em cenas amorosas no campus, mesmo fora de seu turno. Não queriam que ele “servisse de mau exemplo”.

Muitos anos se passaram desde o ocorrido. O namoro não sobreviveu, mas a história de Marcos com a Universidade trouxe outros altos e baixos. Servidor desde 1982, ele foi o primeiro vigilante da casa a ter curso superior – graduou-se em Administração. Na época, batalhou para que técnicos administrativos como ele tivessem a oportunidade de realizar a for-

mação enquanto trabalhavam, o que não era permitido. Chegou a fazer especialização em Desenvolvimento Gerencial, na UnB, e mestrado em outra instituição. Além disso, contribuiu com ideias para melhorar a qualidade de vida dos servidores.

Marcos também teve a oportunidade de romper com preconceitos. Lembra-se do primeiro choque com a diversidade do ambiente. Ainda novato, fazia a ronda em um dos estacionamentos do campus. Percebeu ali um sujeito suspeito, com aparência que não lhe era comum – cabelos longos, roupa rasgada, calçados desleixados e bolsa de lado. Era necessário observá-lo.

O rapaz se aproximou de um Opala do ano, o que fez com que Marcos ficasse alerta. Minutos depois, a surpresa: “Para a minha decepção, aquela pessoa cabeluda, com roupa simples e sandália de couro tirou a chave do bolso, colocou na maçaneta do carro e entrou. Ali comecei a quebrar alguns tabus que trazemos de fora para dentro da Universidade”, reconhece.

Durante o longo período em sentinela, o que inclui escalas em finais de semana e feriados, vê de tudo acontecer. O ofício exige cautela para lidar com as diferentes situações. “O vigilante é muito sistemático na sua forma de observar o mundo. Ele observa detalhes”, comenta o servidor, que agora cuida da guarda da Reitoria. Detalhes que fazem diferença em seu papel como mantenedor da paz no campus. “Nós, vigilantes, somos qualificados para participar do processo pedagógico da Universidade. É um dos nossos trabalhos: instruir os alunos”, destaca Marcos. Ele acredita no caráter transformador da academia. 



BRUNA LISBOA

AMIGAS PARA SEMPRE

Bruna Lisboa, estudante de Ciências Biológicas, pretende atuar na área de genética. Ela dá aulas voluntariamente em um cursinho pré-vestibular para estudantes de baixa renda. “Um amigo me deu a ideia depois da morte da Lou.”

“Lou” é a estudante Louise Ribeiro (esq.), uma das melhores amigas de Bruna, assassinada dentro de um laboratório da UnB em 2016. O ex-namorado de Louise, Vinícius Neres, a envenenou com clorofórmio após atrair a estudante para a sala sob o pretexto de que iria se matar.

Bruna, de sorriso fácil e expressão plácida, se descreve como alguém que mudou muito após perder a amiga, o que aumentou sua garra de viver. “Não deixo as oportunidades passarem, nem o desânimo me dominar.”

A estudante encara diariamente a rotina de faculdade, estágio, aulas voluntárias e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic). “Uma das coisas legais sobre a Lou é que ela sempre fazia muita coisa. Se dedicava a tudo e fazia as coisas de forma muito natural. Peguei um pouco disso para mim”, conta.

Bruna, que tem 20 anos e já está no sexto semestre, passou no vestibular enquanto ainda cursava o terceiro ano do ensino médio. Apesar de sempre ter se percebido como uma pessoa esforçada, ela acredita que sua dedicação ficou ainda mais intensa após a perda da amiga. “Aprendi muito com ela e a tomo como exemplo da pessoa que quero ser.”

A estudante passou a incorporar o cuidado ao dia a dia. “Isso vai desde o significado de

“FAÇO A DIFERENÇA,
EM LUGAR DE SÓ
QUERER FAZER A
DIFERENÇA”

um abraço até a percepção de que cada momento é precioso. Me atento às coisas pequenas como não fazia antes.” Além disso, Bruna tornou-se mais cuidadosa na percepção das pessoas que entram em sua vida. “Quando tudo aconteceu, fiquei muito surpresa, foi um choque. Jamais imaginaria que ele pudesse fazer o que fez”, relembra.

Bruna e Louise conheceram Vinicius em uma disciplina da qual o rapaz era monitor. Ele passou a fazer parte do círculo de amigas das garotas e namorou Louise por cerca de um ano. “Fizemos uma matéria no verão de 2016 e, assim que as aulas terminaram, eles se separaram.” Para Bruna, na ocasião seria impossível imaginar o estudante fazendo algum mal para a amiga. “Dava para sentir que ele gostava muito dela, era muito atencioso, muito carinhoso. Por causa disso hoje sou mais atenta.”

A vivência de Bruna na UnB mudou após o feminicídio. Alguns lugares, como o vão livre do prédio da botânica, adquiriram significa-

dos novos. “No início, não conseguíamos passar por lá, porque as lembranças eram muito dolorosas”, afirma Tainah Barcat, amiga de Louise e Bruna. O espaço servia de ponto de encontro, lugar para jogos, almoço e momentos preciosos. “Passamos um bom tempo sem ter coragem de sentar por lá. Percebemos que a Lou era nossa cola social”, diz Bruna. “E ela tinha os cuidados que hoje eu busco ter.”

Beto Monteiro/Secom UnB





Descendente direta da etnia Baré, Rayanne Cristine Máximo França, estudante do curso de Enfermagem, é uma sobrevivente das armadilhas da vida. Em Manaus, cidade onde morou até os 17 anos, viu a família perseguida após o patriarca, agente de saúde, ter denunciado um esquema de desvio de verbas destinadas à saúde indígena no estado do Amazonas. “Tentaram tacar fogo na minha casa.” Depois de várias tentativas de homicídio, era preciso sair de lá.

Brasília foi o destino delegado à garota. Com a aprovação de seu povo, ingressou em 2009 na UnB, por meio de um convênio estabelecido com a Fundação Nacional do Índio (Funai). Não se sentia segura ao deixar o lar pela primeira vez. Mas enxergava no rito de passagem para a

vida adulta a missão de ajudar a melhorar a precária assistência à saúde indígena.

Se em suas terras fugia de um destino trágico, na Universidade travava outras batalhas: a afirmação da identidade e a garantia de condições mínimas para continuar os estudos. Além do choque cultural, às dificuldades de acompanhar as disciplinas e de se manter com o auxílio socioeconômico recebido da instituição, insuficiente para sua realidade, somavam-se os entraves da experiência acadêmica. “Quando você conversa com outros indígenas, eles dizem que entenderam o que é a palavra preconceito depois que chegaram a Brasília. Quando você sai [*de sua comunidade*], o diferente é você.”

Ao lembrar certos fatos, os olhos enchem d'água. À beira do leito de morte, a avó fez um último pedido: que a acompanhasse em seus dias finais. As aulas perdidas para despedir-se da anciã, em Manaus, resultaram na reprovação em uma disciplina. Pediu a revisão da menção e entrou com vários processos administrativos para justificar as ausências. Todos indeferidos. Teve que prorrogar a conclusão do curso.


A herdeira Baré viu colegas renunciarem à trajetória universitária por falta de assistência. E outros tantos conseguiram sair da UnB com o diploma na mão, o que credita a conquistas, como a implementação das disciplinas básicas para auxílio desse público. Diante de situações similares, a união a outros indígenas foi o amparo para não se sentir deslocada em espaço tão diverso. “Se não nos fortalecemos enquanto grupo, perdemos muitos. Os primeiros momentos são ruins, dolorosos, mas são totalmente essenciais para aprendermos a usar a Universidade.”

Negava-se, de início, a se envolver com os movimentos sociais (as feridas do passado ainda abertas). Aquela sina, contudo, a perseguia. Quando menos esperava, foi convidada a participar das reuniões da Associação dos Acadêmicos Indígenas da UnB. Não conseguiu recusar a oferta. A militância abriu-lhe portas para lutar por seus direitos.

Logo, Rayanne e outros alunos do coletivo precisavam de um espaço para se sentir mais bem aco-



lhidos. Esboçaram traços precários de um projeto arquitetônico de habitação indígena, levados depois a conhecimento da reitoria. Nascia a ideia do Centro de Convivência Multicultural dos Povos Indígenas – a Maloca –, inaugurado em 2014. Na grande casa, Rayanne encontra colegas oriundos de mais de 20 etnias para estudar, desfrutar de momentos de lazer e realizar seus rituais. E também para discutir demandas da comunidade indígena.

Enxerga ainda muito a fazer para o desenvolvimento de políticas para o grupo. Tem pesquisado o assunto e participado de organizações políticas em busca de respostas. No dilema de seus próximos passos, uma certeza: “Lutar sempre, desistir jamais”. 

RAYANNE FRANÇA

RITUAIS DE TRANSFORMAÇÃO



MINAS SUPERPODEROSAS

LARA CAMPOS BORGES,
MARIANA PIRINEUS E
AMANDA BEZERRA



No feminismo, uma palavra define a empatia e a aliança sustentada entre mulheres na desconstrução dos processos opressivos. Sororidade. Calha bem à explicação de como se firmaram os laços entre três estudantes de Pedagogia da UnB: Mariana Pirineus, de 22 anos, Amanda Bezerra, tam-

bém com 22, e Lara Campos Borges, de 19 anos. Havia nas garotas algo em comum, além da graduação.

“Acho que viramos amigas de quem tem ideologias parecidas”, avalia Mariana. A aspirante a pedagoga encontrou Amanda ao passar por situação abusiva dentro de um relacionamento amoroso. Apesar de nem conhecer Mariana à época, a amiga não pensou duas vezes em ajudá-la. “Quando vi o cara levantando o braço para a mina, pensei: isso não está certo. É minha prática intervir.” Amanda se orgulha de ter evitado a agressão.

Os entraves diários no enfrentamento da misoginia – inclusive dentro da própria família – tornaram os ventos favoráveis à chegada de Mariana à UnB, em 2013. O espaço para exercer a liberdade também se tornou profícuo na defesa de seus ideais. Tinha desejo de seguir carreira política como o pai, motivo pelo qual despontou na militância. “Cheguei aqui e me apaixonei.” No segundo semestre do curso, entrou na disputa da gestão do Centro Acadêmico (CA) de Pedagogia. Sua chapa saiu vencedora. E, com a liderança, apareceu o desígnio de estimular a discussão sobre o feminismo na Faculdade de Educação. “Várias pessoas tentam silenciar as meninas aqui.”

Tempos depois, aparecia a oportunidade ideal. Em novembro de 2016, estudantes da UnB ocuparam prédios da instituição em apoio às mobilizações nacionais contra cortes de recursos em áreas sociais, como a educação e a saúde. Na Faculdade de Educação, não foi diferente. Com maioria de mulheres à frente das atividades do local, o senso de união feminina se fortaleceu. “Foi super legal, porque o movimento era pioneiro na ocupação. Entravam meninas na segurança, o que não tinha (*nos outros prédios*). Era uma segurança megabélica”, conta, bem-humorada.

Lembra dos apelidos recebidos após a resolução de conflitos com alguns invasores. Lá vêm as “minas da FE”,




uns falavam. Ou as “meninas superpoderosas”. O reconhecimento, todavia, se contrapunha à existência de casos diversos de machismo a sufocar a atuação feminina. Por isso, o *Não me calo*, coletivo erguido a partir de uma das chapas formadas na eleição para representantes acadêmicos. Atualmente, o

grupo conta com dez integrantes.

“Foi um encontro de almas afins, de irmãs mesmo”, resume Lara. A mais jovem das amigas também sofreu com a opressão masculina. Nascida em Ceres, no interior de Goiás, Lara mudou-se para Brasília para cursar o ensino médio. Admite ter afinidade com o feminismo desde a adolescência, mas só na Universidade se sentiu mais madura acerca do tema. “Tinha muitas ideias erradas”, reconhece. Hoje enxerga, com clareza, o legado a ser deixado pelo coletivo: “Unir meninas que estão chegando para deixarmos uma base e isso crescer”.

Entre Medicina, Ciências Sociais e Pedagogia, a última opção prevaleceu. Em 2016, o ingresso na UnB e a integração com as colegas de curso apontaram para caminho similar ao das amigas. Nos corredores da faculdade, Lara, Mariana, Amanda e outras meninas resolveram montar chapa para as eleições do CA. Dessa vez, entretanto, não foram vitoriosas. Nada que as fizesse desanimar.

Assim como as “irmãs”, Amanda acredita que as vivências na UnB – onde ingressou em 2013 –, sobretudo como atuante em organizações estudantis, possibilitaram o reconhecimento da identidade anarcofeminista. “Antes, não tinha muito essa ideia. Sabia que defendia as mulheres e os meus direitos, mas até então não lutava por isso”, comenta a paulista de Santo André, mais conhecida como Haru, nome de personagem de anime pelo qual era apaixonada.

Fortalecer o espaço ocupado por mulheres nos movimentos da Pedagogia foi necessidade encontrada pela estudante. “Tem a luta da militância, mas tem também a luta das mulheres na militância, que é diferente de tudo isso.” Na graduação, Amanda enxergou ainda a chance de contribuir para a mudança da educação no país. Incentivo herdado da professora de literatura no ensino médio. “Quero ser a pessoa que vai fazer a diferença na vida de alguém como ela fez na minha”, afirma. Enquanto não se forma, quer deixar algo de positivo para as próximas garotas a entrar na UnB: “Essa é a luta de vocês, o caminho já foi traçado. Agora é continuar”. 






RETOMADA DEMOCRÁTICA

As invasões militares à Universidade de Brasília só pararam com o início da abertura política no país. Em maio de 1984, o professor Cristovam Buarque foi o primeiro reitor a ser eleito pela comunidade universitária. Antes de assumir o cargo, no ano seguinte, o cenário era de manifestações para que o matemá-

tico Geraldo Ávila, nomeado reitor pelo então presidente João Figueiredo, saísse. Ávila ficou apenas seis dias na função. Em 19 de março de 1985, renunciou. Ocupou seu lugar o vice-reitor, Luiz Otávio Carmo. Em 26 de julho daquele ano, Cristovam assume e homenageia todos os professores que haviam

pedido demissão coletiva 20 anos antes. Daí em diante, foram também eleitas democraticamente outras sete pessoas para o cargo: João Claudio Todorov, Antônio Ibañez Ruiz, Lauro Morhy (reeleito), Timothy Mulholland, José Geraldo de Sousa Junior, Ivan Camargo e Márcia Abrahão. 



Antônio Ibañez
1989 a 1993



Lauro Morhy
1997 a 2005



José Geraldo
2008 a 2012



Márcia Abrahão
2016 a 2020



Cristovam Buarque
1985 a 1989



João C. Todorov
1993 a 1997



Timothy Mulholland
2005 a 2008



Ivan Camargo
2012 a 2016



MARINA ROSSI

DOUTORA SEM ESCALAS

Marina Rossi, professora da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (Face) conseguiu um feito raro em sua trajetória acadêmica. Baiana de Salvador, concluiu a graduação em Economia em uma instituição privada em São Paulo e conseguiu ingressar direto no doutorado na Universidade Yale, nos Estados Unidos. Também particular, a instituição norte-americana não exige que os estudantes tenham cursado o mestrado para que comecem o doutorado.

“Eu era boa aluna na escola e na graduação, e sempre soube que queria fazer doutorado”, afirma. “Aqui no Brasil, temos a visão de que devemos fazer graduação, depois mestrado e depois doutorado. Mas, à época, minha irmã estudava Medicina nos Estados Unidos e, com a experiência dela, vi que lá as pessoas vão logo para o doutorado”, conta a docente, hoje com 28 anos de idade.

Com essa informação, Marina se empenhou para fazer intercâmbio durante o terceiro ano da faculdade e, na Universidade Columbia, em Nova Iorque, aproveitou para cursar matérias eletivas avançadas durante um semestre. “Nem era uma instituição parceira da escola. Me inscrevi por conta própria e passei no programa. Lá, pedi ajuda a alguns professores para escolher matérias que poderiam ser relevantes, dado que queria fazer doutorado depois”, relembra.

“EU ERA BOA ALUNA NA ESCOLA E NA GRADUAÇÃO, E SEMPRE SOUBE QUE QUERIA FAZER DOUTORADO”

Durante o semestre em que ficou fora, Marina também aproveitou para pedir uma carta de recomendação – necessária para o processo seletivo de instituições americanas – para uma de suas professoras e acabou ganhando, além dessa, a de um dos docentes mais conhecidos no meio: Pierre-Andre Chiappori. “Quando falei com essa professora, ela disse que o Chiappori iria me dar a carta. Ao conversar com ele, pela segunda vez, me confirmou e falou que quando eu terminasse a graduação no Brasil, poderia aplicar para o doutorado. E foi muito por isso que consegui ir direto da graduação para o doutorado”, reconhece.


Ao longo dos cinco anos em Yale, também conquistou o título de mestrado. “Depois de

cumprir certos requisitos do doutorado, você ganha o título de mestre”, explica.

E, nesse meio tempo, decidiu se casar. Quando ela terminou o doutorado, seu marido, também economista, foi convidado para trabalhar no Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Brasília. Um conhecido, professor da Face na UnB, avisou Marina que ia sair o edital para docente. Quando participou do concurso, ela não tinha nem o diploma ainda. “Saiu o resultado quando me formei. Quando fui chamada, já tinha o diploma”, conta, aliviada.

A docência na UnB é a primeira experiência de Marina em instituição pública. “Aqui temos que lidar com vários problemas. Tive que comprar computador, giz, projetor por conta própria. Fui dar aula no ICC, as tomadas não funcionavam. Foi um choque, nesse sentido. Realmente, a gente dá aula porque gosta”, constata.

“Outra diferença grande das minhas experiências anteriores é a polaridade que existe aqui. É bem mais heterogêneo do que em Yale, mas a convivência entre ortodoxos e heterodoxos é pacífica e acho isso super legal”, admite a professora de macroeconomia.

“Estar na UnB é viver a educação superior pública no Brasil. É resolver condições adversas para dar uma boa aula. É realmente testar o amor pelo magistério e mostrar o amor por aprender”, resume Marina. 



— NAAMÃ ELIAS AUGUSTO ALVES


ALQUIMISTA EM AÇÃO

Ácido sulfúrico diluído, eletrodos de cobre, agitador magnético, fonte de energia e multímetro. Uma explosão? Não. Um experimento. Com as substâncias e os apetrechos, o técnico de laboratório Naamã Elias Augusto Alves auxilia alunos que cursam disciplinas no Laboratório de Ensino em Físico-Química. São os primeiros passos para determinar, na prática, a Constante de Faraday – constante física elementar – a partir de um processo que utiliza correntes elétricas na indução da reação química. Com essa e outras experiências, os estudantes descobrem que é possível tornar um pouco mais palpáveis as teorias assimiladas na sala de aula.

“Conseguimos compreender melhor o que enxergamos e o que tem aplicabilidade na nossa vida”, acredita Naamã, cujo nome tem origem bíblica. Todos os dias organiza a bancada do laboratório com recipientes diversos, prepara alguns experimentos e aguarda a chegada dos alunos para dar suporte nas classes.

A rotina é mantida desde julho de 2016, quando se tornou servidor da UnB. Mas o prelúdio de sua relação com a Universidade se deu quando ainda estava no ventre da mãe. Naamã, filho de técnico administrativo, nasceu no Hospital Universitário de Brasília. Mal sabia que seu futuro também estaria entrelaçado à instituição idealizada por Darcy Ribeiro. No ensino médio, descobriu na química uma atração particular, favorecida pela facilidade com as Ciências Exatas. Paixão que continuou a nutrir por outros tantos anos como estudante do bacharelado na área e, depois, pesquisador da UnB.

“Mexer com a química é muito divertido. Você vê como as coisas se comportam, como misturar dois líquidos incolores e obter um líquido colorido, ou misturar dois líquidos e obter um sólido. Isso é muito curioso”, explana o jovem de 28 anos, atualmente doutorando em Tecnologias Química e Biológica. Foi o que o motivou a seguir a carreira, mesmo sabendo das dificuldades encontradas com o mercado de trabalho escasso em Brasília. A outra justificativa é ainda maior: quer ser um dia professor da UnB.

Enfurnado em seu curioso laboratório, transforma-se em verdadeiro alquimista. E outras substâncias de nomes complexos dão o ar da graça. Nitrato de sódio, oxalato de cálcio, sulfato de magnésio, ácido etilenodiaminotetracético. O ambiente respira experiência. O técnico em laboratório vivencia no dia a dia o prazer de exercer a profissão que ama, cercado por aprendizes que passam manhãs e tardes a desvendar as maravilhas da ciência. “É muito bom trabalhar com o que você gosta. Você recebe para se divertir”, garante ele. No trabalho, encontra, assim, um refúgio para o próprio aprendizado. 

“CONSEGUIMOS
COMPREENDER
MELHOR O QUE
ENXERGAMOS
E O QUE TEM
APLICABILIDADE
NA NOSSA VIDA”

B DONO DA LA _____ JOSÉ MACIEL

O futebol é sagrado. Faça chuva ou faça sol. Toda terça e quinta, das 12h às 14h, servidores e terceirizados da Universidade de Brasília se encontram para mais um jogo. E pelada que se preze precisa ter uma referência. Pela habilidade, pela liderança ou pela experiência, alguém sempre assume o posto de *dono da bola*. Há muitas temporadas, esse lugar é de José Maciel Lima, de 77 anos.

O atleta amador é praticamente prata da casa. Chegou a Brasília em 1960, pouco antes de sua fundação. Na UnB, começou a trabalhar na construção do antigo prédio da Reitoria, em 1962. Além de operário, foi zelador, vigilante, almoxarife, cuidou dos campos do Centro Olímpico. Participa do tradicional futebol dos funcionários há 45 anos, quando tudo começou. Aposentou do trabalho em 1992, mas nunca pendurou as chuteiras.

“Acho bem difícil alguém com tanto tempo de UnB como eu”, orgulha-se. Colectora histórias da ditadura militar e das invasões policiais no campus Darcy Ribeiro. “Presenciei essas confusões todas. Já me abordaram, me

MARCA!
ELE É SEU!

Fotos: Luis Gustavo Prado/Secom UnB
Ilustração: Igor Outeiral/Secom UnB



Tradicional futebol dos funcionários mistura paixão pelo esporte e confraternização entre amigos

mandaram para uma fila e nos levaram com as mãos na cabeça para a quadra de futebol.” Conta ainda que viu Honestino Guimarães se esconder numa cabine telefônica para não ser pego. “Dessa vez, ele escapou por pouco.”

O grande envolvimento de Maciel, entretanto, é com o futebol. Não é craque, avisa. “Comprei um par de chuteiras na minha vida e foi para aprender a jogar. Como não aprendi, não gastei mais dinheiro”, ironiza. Para provar, lembra de um campeonato em que o treinador preferiu começar a partida com dez em campo e deixá-lo no banco de reservas. “Joguei cinco minutos, só no final. Isso é motivo de gozação até hoje.”

No futebol dos servidores, ele é autoridade. Até arrisca análise técnica dos peladeiros. “Aquele ali chega como um toco, para resolver. Esse aqui joga bem, mas é muito mascarado. O do canto é bom corredor, peca no domínio.” Sem levantar a bola do eleito, aponta até destaque no time: o assistente administrativo Cristiano Araújo. “Não sei se sou craque. Tem dia que jogo bem, outro não. Mas costumo marcar gol todo jogo, é difícil passar em branco”, reconhece o servidor da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária.

O corpo não acompanhar o que a cabeça manda fazer está entre as poucas coisas que

contrariam José Maciel nas quatro linhas. No entanto, segue empolgado e ainda oferece a receita para tanta energia e jovialidade: “Não tomo remédio. Gosto das minhas plantas e dos meus chás. Meu único medicamento é o futebol.”

Seu novo projeto é espalhar árvores pelo campus. “Plantei quase mil mudas por aí. Ipê, copaíba, cacau, jaca, buriti. Eu mesmo faço a muda e monitoro o crescimento das plantas”, garante. Para isso, o aposentado vem à Universidade todos os dias da semana. Sai de Sobradinho por volta das nove da manhã e só vai embora em torno das três da tarde. “A UnB é minha vida, minha família, quem me deu meu sustento. Meus filhos me falam para parar com essas coisas. Só vou parar quando não conseguir mais.”



PARA
A BOLA,
MACIEL!



TATIANE CORDEIRO

RECEITUÁRIO PARA SOBREVIVÊNCIA

“AS PESSOAS
NÃO SE ATREVEM
A SONHAR COM
ALGO QUE SABEM
QUE NÃO VÃO
CONSEGUIR”

Medicina não era o desejo de Tatiane Cordeiro de Oliveira. “As pessoas não se atrevem a sonhar com algo que sabem que não vão conseguir.” Descobriu a afinidade com a área quando estava empregada em um hospital. Antes, tentara Jornalismo, Letras e Enfermagem – o último na UnB. Nada lhe agradava. Além disso, não tinha condições para permanecer em faculdade particular.

Aos 22 anos, com filha pequena nos braços, optou pelo caminho mais árduo. Passou três anos em cursinho gratuito para entrar na UnB, em uma das graduações mais concorridas do país. A rotina não era nada fácil. “Fazia o cursinho enquanto minha filha estava na escola. Quando ela saía, a levava para dar aula particular.” A jornada ainda incluía o trabalho. O cansaço a abateu. Não tinha forças para continuar no emprego. Com a demissão, se empenhou mais aos estudos, mesmo dependente apenas das reservas antes angariadas. Em 2013, foi aprovada. Boa notícia?


Ingressou no curso de Medicina grávida da segunda criança. O que fazer? Com a barriga maior a cada dia, se deslocava da casa da mãe, em Samambaia, até o campus Darcy Ribeiro. Tempos difíceis. Entrou em depressão. “Reprovei no primeiro semestre, porque era preocupação com as dívidas, a gravidez e o curso.”

Não por isso Tatiane desistiria dos anseios. Nascia, em 2014, o esperado Sócrates. No mesmo ano, conseguiu o auxílio socioeconômico da UnB

para sobreviver. O marido, jubilado do curso de Agronomia, passava as tardes a cuidar dos filhos, enquanto estudava para voltar à instituição.

Tatiane não aguentava mais percorrer a longa distância até o campus. Da janela do quarto, um som infernal impossibilitava os estudos. “Dormia quatro horas, no máximo, amamentando e indo para a UnB”. Resultado: mais reprovações. Estava à beira do jubileamento. O revés trouxe a decisão de morar somente com o companheiro e os filhos, próximo à UnB. Lá veio a romaria para se estabelecer em um canto. Morou em quitinete, na Asa Norte, cedida por amigo. Depois no Paranoá. Endividou-se para pagar o aluguel. Vendeu o carro, deixado de presente pelo sogro, para sanar as dívidas e bancar outra quitinete, nos arredores do campus. Foi-se mais de um ano.

Entrou em 2016 com certo alívio. As dificuldades eram menores. Apesar dos sacrifícios, até da vida social, Tatiane projetava um futuro melhor. “Difícil mesmo é entrar. Permanecer é mais fácil.” Os livros são os maiores companheiros na solitária vida acadêmica. Saídas para bares, festas, nada disso é para o seu bolso. “Na prática, me isolo, mas não culpo ninguém.”

O envolvimento com as atividades do curso hoje lhe toma tempo até para conseguir estágio. Em nome do aprendizado, tudo se ajusta. E se a sorte, com a qual sempre conta, não chegar, o lema será “ajustar as contas e viver com menos”. 

———— JOSÉ ROBERTO FONSECA

ACESSO IRRESTRITO



“Pensei em desistir de tudo.” A ideia veio à cabeça de José Roberto Fonseca Vieira na primeira semana da licenciatura em Computação, em 2003. O que parecia tarefa relativamente simples para muitos, como tomar um ônibus até o campus Darcy Ribeiro e se deslocar a uma das salas no subsolo do ICC Centro, era um verdadeiro desafio para o cadeirante.

Sentiu na pele as dificuldades de se tornar estudante de graduação em um espaço com pouca acessibilidade. Já estava habituado aos obstáculos. A formação tardia em escola pública havia lhe

mostrado a face do desestímulo e da falta de estrutura na educação para pessoas com deficiência. “As condições de permanência na UnB não eram nada próximas das que temos hoje. A própria estrutura de transporte do Distrito Federal era precária.”


Descia as escadas do Minhocão carregado pelos colegas. Não havia elevador. “Contar com a solidariedade não é algo negativo. Você enriquece as pessoas a sua volta e passa a ver que elas estão dispostas a ajudar.” O apoio de amigos, familiares e, com o passar dos anos, da própria instituição foi essencial para que não abandonasse a Universidade.

“CONTAR COM A SOLIDARIEDADE NÃO É ALGO NEGATIVO”

Hoje, coordenador do Programa de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais (PPNE), José Roberto trabalha para garantir os direitos e fazer a diferença na vida de estudantes com deficiência que chegam à UnB. “Nosso papel é fazer com que as pessoas acreditem nelas mesmas, nas suas potencialidades. Temos que fazer com que as deficiências não sejam o fator que as levará a desistir ou abandonar a Universidade.”

O envolvimento com o PPNE, desde a primeira graduação – trocada depois pelo curso de Serviço Social – e, sobretudo, ao se tornar técnico administrativo, foi essencial não só para se conscientizar sobre as iniciativas de amparo. José Roberto viu uma chance de se engajar no processo de transformação do espaço acadêmico. “Na época, o grupo de estudantes com deficiência na UnB era muito forte, articulado e politizado. Muitas ações foram conquistadas.”

Revezava seu tempo entre resolver demandas da Faculdade de Ciências da Saúde, onde trabalhou inicialmente, e participar de um grupo de trabalho, constituído por alunos, no planejamento de ações gerenciais do programa. Não demorou a assumir a coordenação do projeto. A necessidade de maior dedicação como líder fez com que conseguisse, anos depois, ser transferido para atuar exclusivamente no PPNE. “Considero a UnB como minha casa. É um trabalho que gosto e vejo sentido em fazer.”

Com quase 15 anos de instituição, reconhece os desafios pela frente para tornar a UnB mais inclusiva e estruturada para receber a diversidade. Ainda assim, deixa uma mensagem aos que lutam a cada dia para conquistar espaço: “As pessoas não podem acreditar no que os outros dizem do que elas podem ou não fazer. Você conhece os seus limites”. 

Júlio Minasi/Secom UnB



TRADIÇÃO FAMILIAR



Para cumprir sua rotina de treinos, Alexandre Cardoso pedalava da 405 Norte ao Minas Tênis Clube cortando caminho pela Universidade de Brasília. “Um dia, parei para cortar o cabelo e conheci o Chico. Isso em 1973, quando eu tinha 13 anos”, lembra o pesquisador da Embrapa. Na época, Seu Cardoso, pai de Alexandre, também foi fisgado pelo barbeiro. “Ele é ótimo. Só não gosto de uma coisa, vive querendo cortar minha sobrancelha”, reclama o patriarca.

De lá para cá, são quase 45 anos de fidelidade, histórias e fios de cabelo pelo chão. “Chico cortava o cabelo da minha vó, na nossa casa. Raspou minha cabeça quando passei no vestibular. Fez meu corte para o casamento, foi à cerimônia”, enumera Alexandre. A confiança é tanta que a tradição se estendeu para a terceira geração. Matheus Cardoso, hoje com 13 anos, é cliente desde pequenininho.

Francisco Bertoldo de Amorim nasceu em São Miguel, interior do Rio Grande do Norte. Aprendeu a cortar cabelo aos doze anos, ainda em sua terra natal. Em busca de oportunidades, veio para Brasília em 1967, com 21 anos. Seu primo arranhou-lhe um emprego com o barbeiro da UnB. Desconfiado, Chico aceitou. “A moda era barba e cabelo grande. Achei que isso não daria dinheiro.” Então, arrumou outra ocupação e continuou como barbeiro nas horas vagas.

O potiguar também foi do quadro da UnB, na década de 1970. Cuidava das piscinas do Centro Olímpico. “Eram as águas mais bem tratadas do Distrito Federal. Fazíamos análises três vezes ao dia.”

Chico Barbeiro
comemora 50 anos
de UnB com provas
concretas de fidelidade
e amizade



Entretanto, nunca deixou totalmente a barbearia. Até que o dono do estabelecimento lhe ofereceu o local, ele “juntou um dinheirinho” e conseguiu o seu negócio.

Em 50 anos de Universidade, viveu muita coisa. “Quando cheguei, o ICC não estava finalizado. Não tinha a Faculdade de Medicina, a de Tecnologia, a Biblioteca, a Reitoria.” Relata que, em 1977, um curto-circuito causou um incêndio no Oca 1, local em que funcionava a barbearia, a sapataria e a banca de jornal. “Os alunos viram o fogo e salvaram os móveis. Não perdi nada, graças a Deus.” Após o incidente, foi transferido para a casinha projetada por Niemeyer, no estacionamento do ICC Sul, onde está até hoje.

No período da ditadura militar, testemunhou o Exército fazer um cordão em volta da Universidade. “Quem trabalhava tinha que se identificar para entrar e sair. Quando algum aluno falava sobre política, eu dava um cutucão. Sei lá se tinha algum agente por perto.” Conta que, certa vez, lhe pediram informações sobre um cliente. “Aleguei que meu trabalho era cortar cabelo e que não sabia sobre ninguém.”



Alexandre (esq.) e o pai, Seu Cardoso, são clientes do Chico há 45 anos. Matheus, o caçula, frequenta a barbearia desde criança

Independente dos momentos, Chico gosta mesmo é de trabalhar. Diz atender “umas dez pessoas” por dia, mas reconhece que a média é maior. A barbearia abre de segunda a sexta, das 8h às 18h. Aos sábados, fecha meio-dia. “Sou muito grato à Universidade. Vivo disso aqui. Comprei meu lote, construí minha casa, criei meus meninos”. Ao todo, são sete filhos: três com a primeira esposa, três com a segunda e “outro de um namoro”. Nenhum estudou na UnB. A mais nova, com 16 anos, quer fazer Medicina. “Ela é minha esperança”, projeta. 📷

EDUCAÇÃO A TODA PROVA

Diretora do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam), docente, pesquisadora, assistente social, defensora dos direitos humanos, ex-militante em movimentos estudantis, cineasta e, nas horas vagas, poeta. Os adjetivos mal se acomodam na página. Maria Lúcia Pinto Leal é a prova viva de que experiências acadêmicas podem estimular a construção de práticas transformadoras.

Se hoje trocou a aposentadoria pela gestão do Ceam, teve bons motivos. O envolvimento com temáticas de cunho social, desde a época de estudante, é o principal deles. Centro acadêmico, assentamentos, favelas, unidades de internação e ruas foram apenas alguns dos cenários de sua atuação. Surgiram em seus caminhos como ponte com o conhecimento acadêmico. “Não é só a universidade que te forma. Esses espaços são importantes para construir o pensamento crítico e propositivo de uma sociedade mais justa”, argumenta.

Um dia o dever a chamou às ruas de Brasília. Perambulou por dois anos para observar o cotidiano de meninos moradores desses espaços. A experiência resultou na dissertação de mestrado e em um premiado documentário, realizado pelo olhar dos próprios garotos. Presenteou-a ainda com o gosto pelas causas de crianças e adolescentes. “O vídeo teve papel importante na avaliação das políticas da infância”, avalia.

Como assistente social, na década de 1980, foi parar no Gama, na chamada Colmeia, à época unidade de internação para jovens infratores. Com outros trabalhadores, transformou o precário espaço em verdadeiro projeto de reeducação. “Provamos que só 10% dos adolescentes precisavam de internação. Daí, criamos a primeira unidade de semiliberdade do Gama, convencendo a comunidade que, com outra proposta pedagógica, aqueles jovens poderiam construir outros projetos de vida.”

Também abraçou a tarefa de mobilizar a inclusão, na Constituição, do artigo sobre a garantia dos direitos a crianças e adolescentes. Apenas um de seus engajamentos transformados em pesquisas, tal qual o feminismo. Não se furtou de tomar o enfrentamento à violência sexual como bandeira de luta. Já docente na UnB, ajudou a fundar o Grupo de Pesquisa sobre Tráfico de Pessoas, Violência e Exploração Sexual de Mulheres, Crianças e Adolescentes. Com o projeto, tem contribuído no subsídio de políticas públicas para o país.

Os numerosos episódios de ativismo a inspiram, como docente, a abrir as mesmas portas a seus aprendizes. “O conhecimento não tem que ser neutro. Tem que vir no sentido de um compromisso social agudo com aqueles que são objetos das desigualdades sociais.”



Desde sua criação, a UnB se destacou por ser inovadora. Ainda durante o processo de redemocratização do Brasil, por exemplo, deu início às discussões para implantar um novo formato de ingresso de alunos na instituição, que considerasse o desempenho dos estudantes ao longo de todo o ensino médio. Surgiu, assim, em 1995, o Programa de Avaliação Seriada (PAS), aplicado pela primeira vez em 1996. Em 20 anos, 28.210 candidatos entraram na UnB por meio dele. Em 2004, outra inovação: a Universidade de Brasília se tornou a primeira federal a adotar cotas para negros. Desse modo, passou a ser obrigatória a partir daquele ano a reserva de 20% das vagas para aqueles que se declarassem negros no ato da inscrição e optassem por concorrer nesse sistema. Também em 2004, convênio firmado com a Fundação Nacional do Índio (Funai) permitiu a inclusão de dez indígenas por semestre nos cursos de graduação da Universidade, conforme as necessidades das tribos e a disponibilidade de vagas na instituição. Tudo proposto e executado anos antes de existir a chamada Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), o que mostra a vanguarda da UnB.

PIONEIRISMO

Beatriz Ferraz/Secom UnB



Programa de
Avaliação Seriada

+28 MIL
ingressos em 20 anos

Graduação hoje

Ações afirmativas

11,8 MIL
alunos ativos

31%
do total de estudantes



ELLEN WOORTMANN E KLAAS WOORTMANN

UMA VIDA DE MÃOS DADAS

A história do casal Ellen Fensterseifer Woortmann e Klaas Woortmann merece um relato etnográfico. Ou seria história de vida? Por essa confusão metodológica e outros deslizes, essa observação participante pede licença poética à antropologia. O texto aqui apresentado não segue rigor científico, uma afronta à excelência acadêmica dos professores aposentados.

Para a entrevista, eles chegaram junto com a equipe de reportagem. De mãos dadas, como costumam fazer. Era assim que circulavam pelo Instituto de Central de Ciências, quando o Departamento de Antropologia situava-se no local. Ao ser elogiada pelo bonito gesto, Ellen riu com naturalidade. “O amor é mesmo brega.”

Klaas segurava uma revista científica na qual foi publicada outra entrevista sobre sua trajetória acadêmica. A professora parou para passar batom. Não foi difícil tirar belas fotos do casal tão simpático. A sintonia era nítida. A agradável conversa foi na sala da pesquisadora associada da UnB, no prédio do Instituto de Ciências Sociais, inaugurado em 2014.

Um dos pioneiros do departamento, o professor chegou à Universidade em 1973, a convite do antropólogo Roberto Cardoso. Diga-se de passagem, a Antropologia sempre teve nomes de peso. “Alcida Rita Ramos, Roque Laraia, Julio Cezar Melatti”, cita alguns. Klaas foi aluno-ouvinte de Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro. “Darcy inventou a UnB. Com sua excelente retórica, convenceu Juscelino de que era absurdo criar uma nova cidade sem uma universidade inovadora”, comenta o pesquisador.

“MUNDO PESSOAL,
TEMÁTICA INTELLECTUAL,
UNIVERSO ACADÊMICO.
TUDO CONVERGIU PARA
FICARMOS AMARRADOS
UM NO OUTRO”

Graduado em Geografia e História (UFRJ), Klaas fez mestrado em Sociologia (UFBA) e o doutorado em Antropologia Social e Cultural (*Harvard University*). Foi o primeiro autor brasileiro a escrever sobre campesinato e gênero. “Algumas senhoras me chamaram de feminista”, brinca. “Importante citar que ele também foi pioneiro em trabalhos sobre mulheres negras”, provoca Ellen.

A docente veio de Novo Hamburgo para Brasília tentar o mestrado, em 1977. Klaas estava em sua banca de seleção. “Na entrevista, ele fez uma coisa de que não gostei. Veio brincando, rindo e dizendo que eu estava nervosa”, protesta.

Primeira colocada no processo seletivo, a gaúcha ingressou na pós-graduação em 1978. A paixão fulminante chegou no segundo ano

do mestrado. Dois meses e meio de namoro, noivado e casamento. “Tínhamos duas amigas que ficavam atijando: ‘Ele dá aula só pra ti’. Eu negava, claro”, conta Ellen. Perguntado sobre a veracidade da provocação, o pesquisador apenas solta uma gargalhada.

Lembra que um dia as amigas os deixaram sozinhos no Conjunto Nacional. “Foi de propósito. Elas sabiam que estávamos, assim, meio atraídos”, diz. “A gente tinha muita coisa em comum. E esse gosto pelo campo era muito legal. O campesinato e as migrações foram nos chamando.” Com olhar carinhoso, Ellen arrisca: “Acho que a gente sabia”. “Sabia o quê?”, pergunta o marido. “Que a gente ia ficar junto.”

O engraçado, para Klaas, era que metade do departamento torcia pelo casamento. “Mundo pessoal, temática intelectual, universo acadêmico. Tudo convergiu para ficarmos amarrados um no outro”, romantiza a esposa.

Ellen concluiu o mestrado e o doutorado na UnB. Tornou-se professora do quadro em 1988. Orgulha-se de ter ocupado diferentes esferas na instituição e, com isso, a vivido intensamente. “Entre muitas coisas, fui aluna, monitora, professora substituta e efetiva, chefe de departamento, diretora de instituto. Minha história está aqui.”

O casal construiu carreira acadêmica de excelência internacional. Juntos há 38 anos, unidos pela Universidade de Brasília. Vidas dedicadas ao amor e à antropologia. 📷

Fotos: Júlio Minasi/Secom UnB



O MUNDO E A DANÇA

A superação de obstáculos e a vontade de ajudar os outros levaram Ana Paula Soares e Thayane Lima a definir a profissão que gostariam de ter na vida: o serviço social. Com procedências e sonhos diferentes, as meninas se encontraram na Universidade de Brasília, como calouras do primeiro semestre de 2017.

Ana Paula nasceu em Salvador, na Bahia, e vive em Brasília desde 2013, quando veio com a família após a mãe passar em um concurso público. A estudante acredita que a vocação

está ligada à sua história de vida. Além de ter casos de violência doméstica na família, assumiu a homossexualidade aos 13 anos de idade. À época, sofreu abuso por parte de garotos que se diziam amigos, mas não aceitaram sua orientação sexual.

Outro momento marcante para Ana Paula foi quando, ainda criança, foi tirar a identidade e se deparou com um senhor de meia-idade que não sabia escrever. “Ele estava muito nervoso e isso me marcou muito. Com 40 anos, não sabia escrever e eu, com 10, sabia”, relembra.

Em sua trajetória escolar, Ana Paula passou por instituições particulares, especialmente no ensino médio. “Eu nunca pensei em entrar na UnB. Não fiz cursinho para me preparar, apenas participei de todas as atividades oferecidas pela escola, como oficinas e plantões de dúvidas. Me sinto privilegiada por isso”, afirma a estudante.

“A UnB é diferente de muitas universidades. Ela te dá oportunidade de conhecer outros campos. Aqui é possível fazer matérias em vários cursos e se aprimorar no que realmente quer”, avalia. A caloura conta ainda que pretende aproveitar para estudar inglês no UnB Idiomas e, assim, alcançar a meta de trabalhar em organizações não governamentais internacionais voltadas para a mulher e para homossexuais. “Quando se entra numa ONG internacional, há mais representatividade. Ali, podemos levar o que está acontecendo no Brasil para que outros países, com mais renda, possam ajudar as pessoas do nosso país”, acredita.

Aqui na capital federal, a colega de curso Thayane Lima, que ingressou na UnB pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS), também tem intenção de auxiliar, por meio do serviço social, pessoas que sofrem preconceito e discriminação.

“Eu danço e já presenciei muitos casos de pessoas que foram discriminadas e expulsas de casa por dançarem. Houve um caso em que a mãe tentou matar o menino porque ele se assumiu homossexual e ela falou que a culpa era da dança. Então, meu maior sonho é criar uma ONG que ofereça todo tipo de assistência nesse meio artístico”, revela a caloura.

Thayane ressalta que a dança é o momento do dia em que relaxa e pode ser ela mesma. “Quando vou para o treino, não penso em mais

nada. Quando estou dançando, me sinto completamente livre para ser quem sou. E, com o serviço social, pretendo viabilizar um espaço para as pessoas poderem ser quem realmente são.”

A estudante explica que ela mesma sofre pressão dentro de casa, por parte do pai, por dançar. “Cheguei a ir escondida quando era mais nova. Hoje meu pai não me impede de ir, mas sempre que tem apresentação ele não vai e, quando tem treino à noite, enche a paciência. Tento entender a realidade que ele viveu para não ficar com raiva. Entendo, mas não aceito”, desabafa.

“Meu pai é extremamente conservador e o que ele diz é lei. Então, eu vi também na UnB um lugar em que vou poder falar o que penso, já que não tenho esse espaço em casa. Aqui posso me expressar”, reconhece Thayane.



Fotos: Beilo Monteiro/Secom UnB



EUDES IZAIAS DA SILVA

COLECIONADOR DE COLAÇÕES

Em seis anos de UnB, Eudes Izaias da Silva tem bons motivos para se orgulhar do emprego. “Ganho pouco, mas me divirto muito”, confessa, bem-humorado, sobre o privilégio de trabalhar em um ambiente prazeroso. Na portaria da Faculdade de Comunicação (FAC), na ponta norte do Minhocão, passa 12 horas de seu dia cuidando do acesso a salas de aula e laboratórios da unidade. Nos intervalos, Seu Izaias pausa para um cigarrinho.


Aos 61 anos, mantém a memória bastante afinada. Tem na ponta da língua a grade de aulas com horários, salas e docentes que irão ocupá-las, do que muitas vezes os próprios não se recordam. Também não esquece os nomes das centenas de pessoas que circulam todos os dias pelos arredores da faculdade. Amizades cultivadas ao longo dos anos, muitas delas aproveitam a passagem para trocar brincadeiras e bater papo com o porteiro. “Eu sou um autodidata. Leio muito desde criança. Por ser contestador, busco me atualizar sobre as coisas, porque o pior que existe é uma pessoa que não conhece do assunto querer discuti-lo”, vangloria-se.

De futebol a política, o repertório de conhecimentos, além do humor irreverente, renderam-lhe boa fama entre a comunidade da FAC. Não à toa, acumula três indicações a patrono das turmas de Comunicação, além de incontáveis homenagens semestrais nas colações de grau – prestígio para poucos, agora quase uma tradição. O porteiro deixou o anonimato para se tornar figurinha carimbada nos discursos de formandos dos cursos de Audiovisual, Comunicação Organizacional, Jornalismo, e Publicidade e Propaganda.

Mas nem todos receberam bem a notícia do reconhecimento alcançado por um trabalhador não concursado.

“Alguém da reitoria tentou barrar uma das indicações a patrono, sob o argumento de que eu não era professor, mas os alunos bancaram a briga. A primeira, como ninguém sabia que eu era o porteiro, passou.”

De guardião das chaves das instalações da FAC, Seu Izaias chegou ainda a ser promovido a figurante em trabalhos de conclusão de curso: já participou de três vídeos e uma reportagem. O segredo para tanto sucesso entre os jovens está no acolhimento: “Conquisto os calouros logo de cara. Eles me perguntam alguma coisa, eu faço cara feia, dou má resposta. Eles chegam a tremer. Aí eu os abraço e falo: estou brincando”.

Os anos têm agraciado o porteiro. Anos que passam rápido. Enquanto não chega a aposentadoria, continua a ler tudo que cai nas mãos e a engrenar debates com velhos e novos conhecidos. “Às vezes eu sou mais feliz aqui do que em casa”, brinca. Sério e sorridente. 



Ricardo Padua

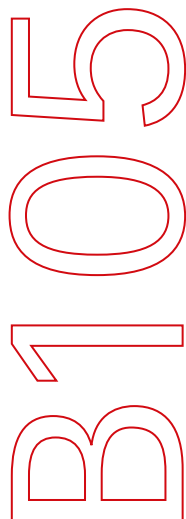


————— ARIANA GONÇALVES, FAUSTO CÂNDIDO JÚNIOR E ÉRICA OLIVEIRA

ABRIGO À DIVERSIDADE

Quartos da Casa do Estudante guardam experiências
e lembranças de quem passa pela Universidade

INTERCÂMBIO DE SODADE



Os sons do sotaque enganam. Há um quê de carioca nos ruídos emergentes na pronúncia das palavras. Talvez pelo fato de a nação de origem possuir algo em comum com o Brasil: a colonização portuguesa. Em Praia, capital de Cabo Verde, Ariana Gonçalves Rodrigues passava a infância encantada com as telenovelas brasileiras. “Sempre gostei do Brasil. Não sei se pela cultura das novelas ou por gostar de ver como o povo fala.” O fascínio despertou o desejo de, um dia, conhecer aquelas terras tropicais.

Concluiu o ensino médio com a ideia na cabeça. Passo seguinte? Inscrever-se no Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), oportunidade de formação superior oferecida a cidadãos estrangeiros de países cooperados com o Brasil. Em 2014, a aprovação na UnB para o curso de Arquitetura e Urbanismo garantiu o passaporte para o sonho. Ou quase. “Meus pais não tinham condições de me manter no Brasil.” Ariana recorreu ao governo cabo-verdiano, que lhe concedeu bolsa de estudos. Estava pronta para embarcar.

Apesar do elo pela língua, um oceano de diferenças culturais a esperava. “Fiquei impressionada com tamanho liberalismo.” Ao mesmo tempo, viu persistir certo preconceito. “Você sente que, quando sabem que você é de um país do continente africano, te olham diferente. Pensam que as pessoas da África não estão capacitadas a entrar numa universidade.”

Reconhece as dificuldades como estrangeira de viver com recursos financeiros reduzidos. No primeiro semestre de faculdade, não tinha dinheiro sequer para comprar o material básico para cursar as disciplinas. Teve o apoio dos colegas. “Foi o semestre que mais pedi dinheiro emprestado.” Em Brasília, o valor do aluguel não lhe permitia viver com quase nenhum luxo: dividia quitinete com outras quatro alunas.

No final de 2016, veio a oportunidade de morar na Casa do Estudante (CEU), alívio para a renda mensal. Conhece bem a rotina de um



Fotos: Belo Monteiro/Secom UnB

quarto coletivo. No dormitório, as regras são exceção. “Cada um sabe da rotina e o horário em que vai estar livre. Nesse período, quem puder limpar, limpa e avisa.” Simples assim.

O período no Brasil também a agraciou com a chegada da pequena Kiara, hoje com dois anos de idade, fruto do relacionamento com um estudante angolano. Os meses sem a filha trazem saudades. Para que pudesse concluir o curso, Ariana tomou a difícil decisão de deixá-la aos cuidados dos pais, em Cabo Verde. Espera revê-la em breve. “O futuro com certeza será com meu namorado e a minha filha juntos. Onde, não sei.” No imaginário, a conterrânea Cesária Évora canta: *Sodade, sodade, sodade.*

ARTE DE VIVER



Roupas e sapatos lançados ao chão. Cadernos, livros e outros apetrechos espalhados pelas mesas de estudo. Fotografias e recortes a preencher as paredes da sala. Aparentemente, há vida naquele espaço. No apartamento 123, do bloco B, da Casa do Estudante, quatro meninas compartilham as alegrias, angústias e desordens do cotidiano como estudantes da UnB.

Entre elas, Érica dos Santos Oliveira, de 21 anos, do curso de Educação Física. Chegou à CEU em busca de facilidade no deslocamento para a UnB. Eram mais de 50 quilômetros até a antiga residência, na Cidade Ocidental. Nunca havia morado fora, ainda mais com três desconhecidas. “Você tem que se adaptar muito ao estilo das outras pessoas”, confessa.

À primeira impressão, as regras do quarto são seguidas sem assiduidade. Talvez exceção do dia. As moradoras deixam o passo a passo do cotidiano na ponta do lápis – mais precisamente em uma tabela de nome *Bom dia, Cinderela*. Nela estão as tarefas da casa, revezadas semanalmente: limpeza do piso superior, da cozinha, da sala e do banheiro, além da retirada do lixo.

O nível de organização abarca ainda a divisão das prateleiras nos armários, na geladeira e na dispensa. Até as visitas passam por norma: avise com antecedência. “Quando eu cheguei, achava tudo muito doido”, diz Érica. Mas garante: “Apesar de todas as regrinhas, conseguimos conviver numa boa”.

As minúcias da rotina não asseguram, contudo, a inexistência da bagunça. Desapegar-se da organização contínua foi exercício difícil para Érica, ainda mais quando recebia os amigos em dias de caos. “Era uma das coisas que mais me incomodava. Hoje em dia estou bem mais *relax*.”

Não é muito de reclamar, mas as companheiras sempre têm reivindicações ou elogios, levadas às reuniões de DR – em bom português, Discussão de Relacionamento. Érica nunca brigou. No máximo, presenciou alguma desavença que, com a convivência, “acaba tendo que relevar ou esquecer”.

Única a passar as tardes em casa – tem o privilégio de morar ao lado da unidade acadêmica onde estuda –, ela aproveita o silêncio para ler e descansar após a série de aulas matutinas e treinos de rúgbi, modalidade que pratica na UnB há dois anos.

Os finais de semana também são pacatos. Não são muitas as diversões. De vez em quando, os moradores improvisam festas nos apartamentos e churrascos ao ar livre. Exceção em dias comuns. “As pessoas acham que morar aqui é só fazer festa todo dia, mas não é.” Morar na CEU é um constante aprendizado.



O CORPO TRÁGICO SE ERGUE

FAUSTO

Na obra de Goethe, Fausto é o cientista cuja sede infindável por conhecimento leva à negociação com o diabo: a própria alma em troca dos prazeres da Terra. Em caminho inverso ao homônimo literário, o estudante Fausto Cândido Júnior está longe de qualquer pacto maligno. Quer aprender sempre mais. Não por ganância, mas por necessidade. A busca por compreender melhor o distúrbio que o acomete e as alternativas para o tratamento trouxe, em 2011, o aluno de Fortaleza para a UnB por três meses, em mobilidade acadêmica.

Distonia é o nome da doença, rara e degenerativa. Entre os sintomas, movimentos musculares involuntários e dores. O quadro apareceu aos 17 anos. “Foi do nada. A explicação inicial foi estresse estafa mental. Desde então tenho convivido com ela.” Tentava aos poucos dominar o novo corpo.

Em 2012, o problema evoluiu. Não lhe sobrou opção. Largou a faculdade. Viajou mundo afora para realizar exames inexistentes no Brasil e se reabilitar. No retorno, projetou Brasília como novo cenário de vida. A cidade trazia melhores possibilidades de apoio terapêutico para retomar a graduação. Aportava em 2015, na UnB, para realizar dupla diplomação, em Sociologia e Antropologia.

Deu de cara com as contradições do ambiente universitário, plural, porém desafiador. “Quando entro em um espaço, sempre há vários tipos de olhares.” A informação tornou-se arma contra o preconceito. “Esse é o desafio: você sempre deixar claro quem é e como está, para se sentir à vontade”, especialmente em sala de aula. Apesar dos entraves, considera a UnB espaço aberto à diversidade.

Sentiu-se acolhido com o suporte dado às suas condições. Fez dali seu lar. Literalmente. Mora na Casa do Estudante. O quarto parece de artista. Quadros e fotografias conceituais se misturam ao ambiente, todo adaptado a moradores com deficiência. Para auxiliá-lo nas tarefas rotineiras, tem o apoio de acompanhante. Assim, tem mais tempo para pensar nas obrigações acadêmicas.

O corpo transgressor de Fausto lhe traz inquietações, que transforma em pesquisas. Uma, sobre os direitos da pessoa com deficiência e o processo de inclusão social. Outra, sobre a demonização dos corpos historicamente repudiados, a partir de analogias com mito semelhante ao seu nome. “Tento dar visibilidade a pessoas com corpos diferentes – não só com deficiência. São corpos distônicos na sociedade.” Conquistar espaço nas diferentes estruturas sociais tornou-se o destino. Encontrou na UnB a ponta do fio da meada.

MARIA MADALENA TÔRRES

CHUVA, LAMA, SOL E POEIRA

O método Paulo Freire mudou a vida de Maria Madalena Tôrres, hoje com 54 anos. Ainda no ensino médio, participou de curso sobre redação para a libertação, oferecido por alunos de mestrado da Universidade de Brasília. A partir daí, sua relação com o educador – e com a UnB – passou a ser umbilical.

“Não tive muitas oportunidades na minha infância pobre e negra. Esses alunos da Universidade chegaram e começaram a nos incentivar, plantando uma semente.” Nascia, assim, sua missão de alfabetizar jovens e adultos.

Educação, militância e movimentos sociais estão no DNA de Madalena. Ceilândia é sua paixão. Nascida em Divinópolis (Goiás), mudou-se para o Distrito Federal com oito anos. Morava em um barraco, em lote cercado de arame farpado. “Ceilândia tinha apenas oito meses. Não havia água. Quando fazia sol, era só poeira. Na chuva, muita lama. Foi uma época difícil”, lembra.

Tornou-se professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Está aposentada desde 2010 em decorrência de um câncer de mama e outras complicações. Mas seu trabalho de educadora começou muito antes.

É uma das pioneiras do Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (Cepafre), que já alfabetizou mais de 15 mil jovens e adultos, além de promover a formação de professores. Integra o Grupo de Trabalho Pró-Alfabetização do Distrito Federal (GTPA/Fórum EJA). Também participou do Conselho Comunitário e do Conselho Universitário da UnB. Atualmente, é membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia (FCE).

Em relação à Universidade, sua principal bandeira é pela aproximação mais efetiva entre instituição e comunidade. “Pensar em como a pesquisa, a extensão e o ensino podem olhar para as demandas que emergem da sociedade e apontar soluções para os problemas reais que afetam as pessoas. O nome disso é compromisso social.”

Uma dessas demandas, segundo Madalena, é a implementação de novas graduações na Faculdade de Ceilândia. “A construção do campus é uma conquista da e para a comunidade. Precisamos de cursos que também respondam ao trabalhador.” Atualmente, a FCE concentra graduações na área de saúde.

Especialista e mestre pela UnB, a aposentada pensa em fazer doutorado na instituição, objetivo que deixou adormecido quando descobriu o câncer. Pretende pesquisar movimentos sociais, Ceilândia e suas contradições. Acredita que essa pode ser sua contribuição para a Universidade ir além de seus muros e “colocar o pé na poeira, na lama e no asfalto”.



“Não tive muitas oportunidades na minha infância pobre e negra”

— FAMÍLIA NOVAES RAMOS

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Fotos: Beatriz Ferraz/Secom UnB



Marcus Vinicius, Maria Clara, Guilherme, Doralina e Paola: amor inconsciente pela UnB

Formado pela primeira turma de Medicina da UnB, aluno mais jovem da época, representante dos estudantes na cerimônia de 50 anos do curso. Depois da carreira consolidada, retorna à Universidade de Brasília para fazer outra graduação, além de mestrado e doutorado. Trajetória que credencia Marcus Vinicius a escrever um livro sobre diversos momentos da instituição.

A história, entretanto, não acabou. Sempre há algo mais para contar na família Novaes Ramos. A esposa formou-se em Jornalismo na Universidade, onde os dois filhos e a nora são professores. “Aqui em casa é metodologia cien-

tífica aplicada a tudo. Sinto-me feliz por participar disso”, comenta a matriarca Maria Clara. Na Comunicação, ela ficou de 1969 a 1972, mas acabou não seguindo carreira. O curso não correspondeu às suas expectativas e, logo depois da graduação, ela e o marido foram morar fora do país.

Marcus Vinicius entrou para a Faculdade de Medicina em 1965 e teve sua passagem marcada pela repressão da ditadura militar. Viu professores sendo demitidos, alunos perseguidos. Foi preso, quebrou o tornozelo. Apesar da violência, ainda lembra dos bons momentos pelos quais passou. “O curso começou com um cunho fortemente social, uma visão inte-

“A UnB É MAIOR QUE QUALQUER UM DE NÓS. ACREDITEM NA POSSIBILIDADE DE MUDAR ESSE PAÍS”



grada de cuidado e de saúde, sob o ponto de vista médico, psicológico e humano.”


Decepcionado com os rumos do país durante os anos de chumbo, foi para os Estados Unidos, onde especializou-se em Radiologia. Retornou ao Brasil anos depois. Criou os filhos – que também se formaram na UnB – e então resolveu voltar para uma antiga paixão, a história. Próximo dos 60 anos, fez vestibular e passou. Seguiu o mestrado e o doutorado na área. O trabalho de conclusão de curso e a tese de Marcos transformaram-se em livros.

“Foi uma excelente experiência. Os médicos normalmente se sentem um pouco deuses, donos das decisões. Têm visões estreitas da vida. A história é uma bonita área e me comprovou que existem várias versões de um mesmo acontecimento, depende de quem olha, de como se convive com outro”, destaca.

A primogênita Paola Novaes Ramos aponta que sua relação com a Universidade é visceral. “Meus pais se conheceram pela instituição. Sou filha da UnB.” Escolheu graduar-se em Ciência Política pela abordagem inovadora e original do curso ofertado em Brasília. Seu mestrado e doutorado também foram na Universidade. Apesar das escolhas conscientes, a professora acredita que a “família é apaixonada inconscientemente pela UnB”. Atualmente, ela faz pós-doutorado em Miami e está licenciada do cargo de docente do Instituto de Ciência Política.

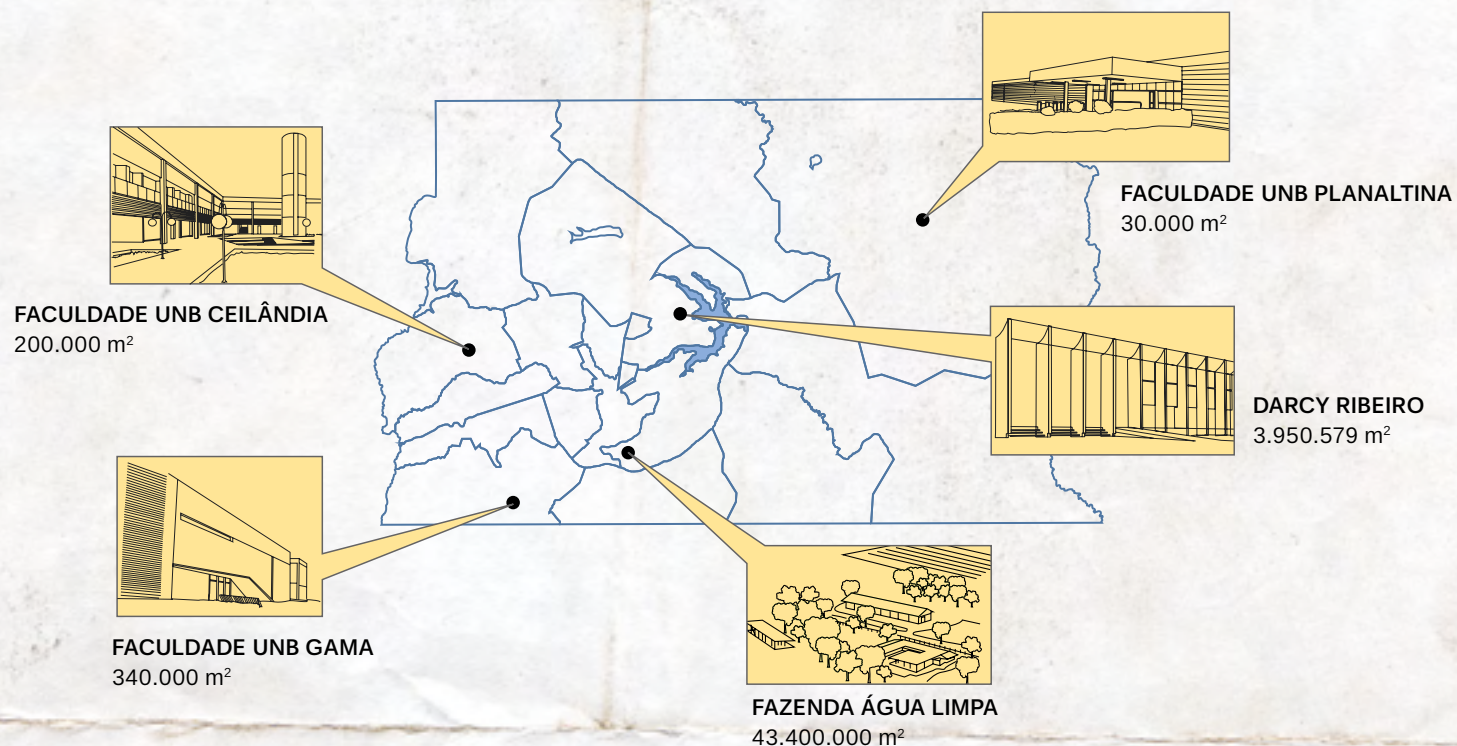
O irmão Guilherme foi da primeira turma de Engenharia Mecatrônica da UnB. Ganhou bolsa de estudos e concluiu mestrado e doutorado em um dos principais centros de tecnologia do Japão. Tornou-se docente do Departamento de Ciência da Computação. “Gosto do que faço, tem seis anos que dou aulas e é uma grata surpresa porque não estava nos meus planos.” Embora reconheça o privilégio de ser professor na Universidade, demonstra descontentamento com os problemas técnicos e burocráticos da instituição, principalmente, os relacionados à estrutura física e à captação de investimentos para o financiamento de projetos.

Ainda no Japão, Guilherme conheceu Doralina Rabello. Graduada em Odontologia, possui doutorado na área de Patologia Molecular. Casaram-se em 2009 e acabaram vindo para Brasília. O marido passou no concurso da Universidade e ela fez pós-doutorado na Faculdade de Ciências da Saúde. Há um ano e meio, é professora concursada da Faculdade de Medicina. “Quero me aperfeiçoar cada vez mais como docente e atuar na inserção dos alunos na comunidade e na área de pesquisa em câncer”, projeta Dora.

Marcus Vinicius segue otimista. “A UnB é maior que qualquer um de nós. É a casa de milhares de pessoas, como é da minha família. Quero que acreditem na possibilidade de mudar esse país”, resume. 

A UnB COMO ELA É HOJE

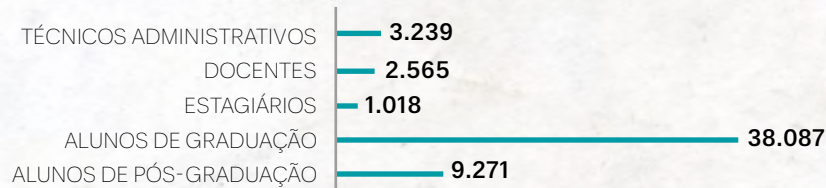
CAMPI



ESTRUTURA



PESSOAS



CURSOS

